OS ARQUIVOS PERDIDOS

GUARDA



PITTACUS LORE

AUTOR DO BEST-SELLER EU SOU O NÚMERO QUATRO

intrínseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

SUMÁRIO

Capa
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Sobre o autor
Conheça os livros da série
Leia também

PITTACUS LORE

OS ARQUIVOS PERDIDOS: GUARDA

OS LEGADOS DE LORIEN

TRADUÇÃO DE VIVIANE DINIZ

Copyright © 2015 by Pittacus Lore
Todos os direitos reservados à Full Fathom Five, LLC.

TÍTULO ORIGINAL
The Lost Files: The Guard

REVISÃO
Juliana Werneck

CAPA
Julio Moreira

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

REVISÃO DE EPUB
Carolina Rodrigues

E-ISBN
978-85-8057-825-6

Edição digital: 2015

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



»



»



»



»

CAPÍTULO UM

Em Lorien, morei na casa do meu avô, no subúrbio da cidade; no alojamento da Academia de Defesa; em um minúsculo apartamento de porão em frente ao Parque Eilon — cheguei a passar alguns anos em um Kabarak, nos Territórios Longínquos, depois que meu irmão morreu, uma época em que me sentia feliz por viver distante e desconectada da Capital e de tudo que aquela cidade representava. Nenhum desses lugares existe mais, depois que os mogadorianos destruíram meu planeta. Agora só tenho a Terra, um mundo no qual não sou apenas uma estranha, mas também um dos últimos sobreviventes do meu povo.

Já faz quase dois anos que estou neste planeta, mas não sei se algum dia me sentirei em casa aqui. O mais próximo disso que cheguei foi alguns meses atrás, por um breve período, em um chalé alugado ao norte de Nova York. Outro lar que não existe mais, graças aos mogs.

Parece que todo lugar que considero um lar acaba sendo destruído. A morte me segue aonde quer que eu vá, levando embora aqueles que me são mais queridos. Então decidi que era melhor ficar sozinha, longe de todos.

E é por isso que resolvo comprar um pedaço de terra isolado em que nunca pus os pés, no estado do Alabama.

O sol está se pondo quando vejo a propriedade pela primeira vez, parando o carro em frente ao enorme portão de ferro forjado que se abre para um caminho ladeado por árvores. No alto, vejo o nome “Rancho da Escrevedeira-Amarela”, em letras oxidadas, formando um arco. O portão tem um ar imponente, mas é basicamente decorativo. Como medida de segurança, é uma piada. Não tem nem uma tranca. A cerca parece igualmente precária, apenas alguns fios de arame farpado: uma barreira que só deve impedir a entrada de animais. Fico me perguntando se os antigos proprietários realmente se sentiam mais seguros com esses fios de metal irrisórios. Provavelmente. Pensando bem, nunca devem ter imaginado que os inimigos viriam do céu, e não por essa estradinha de terra sinuosa.

Mas eu sei que não é bem assim.

No entanto, o portão e a cerca não são completamente inúteis. Quando eu

instalar câmeras de segurança, e talvez também algumas armas de operação remota para o caso de algum mogadoriano conseguir me encontrar aqui, eles virão a calhar.

O portão de ferro se abre fácil, as dobradiças velhas rangendo. Volto a entrar no carro e avanço propriedade adentro, passando pelo mata-burro. A casa fica a uma curta distância de carro do portão, parcialmente escondida por elevações no terreno e árvores. Por fora, é toda revestida por grossas vigas de madeira. Ignoro a garagem que há ao lado e avanço pela grama até o pórtico. A grama amarelada bate na altura do tornozelo nas minhas botas pretas quando desço do carro. Contorno a casa, observando a área, os olhos atentos para qualquer coisa que pareça fora do comum ou que possa representar um grande problema de segurança. Em todas as direções, não há nada em volta até onde a vista alcança; nada além de mais arame farpado, campos vazios e um velho celeiro nos fundos. Estou sozinha aqui. Ninguém para perturbar meu trabalho. Nada a me desconcentrar de minha missão.

Pelo menos, se este lugar acabar em chamas também, ninguém além de mim vai sair ferido.

Passo por cima de um degrau quebrado para subir no pórtico e vou até a porta de madeira, onde há um envelope grande preso por uma tira grossa de fita adesiva. De dentro do envelope pego o pequeno bolo de documentos que me tornam oficialmente a proprietária do rancho. No entanto, nenhum dos papéis tem meu nome. Não dei a ninguém meu nome verdadeiro, Lexa, desde que descobri que há mogadorianos na Terra caçando os lorienos. Não que meu nome fosse chamar atenção de algum mog; afinal, não sou Pittacus nem outro Ancião. Mas sou prevenida. O Rancho da Escrevedeira-Amarela pertence agora, tecnicamente, a uma empresa de fachada que abri, filiada a outra organização também de minha criação, toda a papelada se entrelaçando de tal forma que jamais levaria até mim.

Tenho colecionado identidades. Fui dezenas de pessoas diferentes nas últimas semanas, às vezes na vida real, outras no mundo virtual. Fui Julie quando comprei esse grande SUV preto, na Pensilvânia. Peguei emprestado o IP de um homem chamado Phil quando tentei invadir a intranet da CIA. Acho que foi Lindsey quem comprou todas as armas de fogo no Kentucky, e Patti, os equipamentos de informática no Tennessee. Pego esses nomes de garçonetes, capas de revistas e conversas ouvidas ao acaso, mudando de codinome todo dia, às vezes de hora em hora. Sempre fui boa em organizar informações e dados, de modo que passo de uma identidade para outra sem vacilar. Quando termino de

usá-las, deixo Julie, Lindsey e Patti guardadas no fundo da mente, para o caso de um dia voltar a precisar delas.

As pessoas das lojas de penhores e de informática nunca suspeitam que eu não seja quem digo que sou. Ou, se suspeitam, não dizem nada. É incrível como ninguém pergunta quase nada a clientes dispostos a pagar um pouco mais, em dinheiro vivo. E, graças aos firewalls e sistemas de segurança eletrônicos bem primitivos utilizados pelos bancos neste planeta, é fácil conseguir dinheiro se você for bom com zeros e uns e em manipulá-los, como eu sou. Nas últimas semanas, desviei quantias minúsculas de milhões de contas bancárias pelo mundo. Dinheiro é uma das poucas coisas que tenho de sobra. Dinheiro e perguntas e raiva.

Viro o envelope, e um molho de chaves cai na minha mão.

O rancho foi mais complicado de conseguir. Eu sabia que queria um lugar afastado de áreas muito populosas, longe até da cidade mais próxima, se possível. Não era algo difícil de localizar, mas levei um tempo até encontrar alguém disposto a se desfazer de sua propriedade de uma hora para outra e sem sequer me encontrar pessoalmente. Depois, foi só transferir o dinheiro e forjar algumas assinaturas, e de repente eu era dona de um pedaço deste planeta.

Dou mais uma olhada no pórtico e não consigo evitar pensar que Zophie teria gostado muito daqui. Ela passava muitas noites na varanda do nosso chalé em Nova York, com uma xícara de chá na mão, olhando para o nada. Provavelmente pensando no irmão, Janus. Quando ainda havia alguma esperança de que ele estivesse vivo.

Uma pontada de dor brota em meu peito. Já estou familiarizada com a sensação, a dor que surge quando penso em Zophie, em Janus ou em meu irmão, Zane. Por mais que eu tente embotar meus sentimentos e manter enterradas essas lembranças, elas sempre conseguem me encontrar de novo. Lembro a mim mesma que não é tristeza o que eu deveria estar sentindo, mas raiva. A raiva me seria útil, ao menos. Era o que me movia em Lorien, quando tudo o que eu queria era derrubar os Anciões e revolucionar nossa sociedade. Agora, a raiva contra os mogadorianos é o que me faz seguir em frente durante metade do tempo. Um desejo ardente por vingança em nome de todos aqueles que perdi.

Mas, para fazer os mogs sofrerem, tenho que agir. Então engulo em seco, balanço a cabeça para desanuviar a mente e abro a porta da casa.

O interior está empoeirado, todos os móveis cobertos com lençóis brancos. O crânio de um animal grande e com chifres paira sobre a lareira. Por que as pessoas da Terra gostam de decorar a casa com cadáveres de animais, não faço

ideia. Matar por esporte era um crime imperdoável em Lorien, mas, pelo que concluí de algumas histórias terríveis que entreouvi em lojas de equipamento de caça em minhas viagens, isso não é algo incomum na Terra. Mal consigo imaginar como Crayton reagiria a isso se estivesse aqui comigo, sabendo como ele gosta dos Chimæra. Sinto uma pontada no peito quando me pergunto onde ele estará agora. Será que estão bem, Crayton e Ella? Como ela deve ter crescido desde a última vez que a vi, tanto tempo atrás!

Novamente, afasto os pensamentos e sigo em frente.

Puxo o lençol que está sobre uma mesa, jogo-o em cima do crânio para tirá-lo de vista e vou dar uma olhada no restante da casa. A geladeira tem um freezer bem espaçoso, o que vai me permitir fazer viagens pouco frequentes às mercearias das cidades ao redor, todas a meia hora daqui. O armário embutido do hall pode servir como um miniarsenal particular, para eu guardar algumas das armas que comprei. Deixo cobertos os móveis dos quartos e sigo até o escritório, no final do corredor que atravessa toda a casa. É ali que vou passar a maior parte do tempo — o santuário da minha nova base de operações.

Começo a descarregar o carro.

Até um tempinho atrás eu levava pouca coisa quando viajava, basicamente porque, enquanto eu seguia uma pista que me levaria à outra nave, os mogs destruíram quase tudo que eu tinha neste planeta. Viajei sem rumo por algumas semanas, atravessando os Estados Unidos, uma estranha em um mundo que não é meu. Pensei em procurar pelo restante do meu povo: os Gardes e Cêpans. De acordo com Janus, eles tinham se dispersado. Isso foi o que ele me disse pouco antes de os mogadorianos o executarem e me mandarem o vídeo. As evidências que encontrei na internet parecem confirmar isso. Achei indícios deles aqui e ali: fotos de um homem e de um garoto com uma Arca Lórica tentando fugir para outro continente, relatos de homens tatuados perseguindo uma criança no Canadá. Não sei bem por que eles se separaram, mas costumam não deixar rastros, mantendo-se fora do radar. Pelo visto, os Cêpans deles são eficientes, já que é impossível encontrá-los. Isso é ótimo para a sobrevivência deles, mas péssimo para minha busca.

Tem alguma coisa maior acontecendo aqui, mas eu não consigo entender. Por que os mogs estão atrás desses garotos? O que eles têm de tão especial? Por que gastar recursos tentando destruir os últimos lorienos?

Essas são as perguntas que tenho tentado responder, enquanto faço o melhor para ajudar a Garde a ficar fora de vista. Se vejo alguma coisa na internet que parece relacionada a eles, tento apagar tudo ou escondo de forma criptografada.

Mas era difícil fazer esse trabalho sem um lugar fixo para ficar. E é por isso que estou aqui agora, no rancho. É uma base de operações para uma guerra iminente. Porque, se os mogs estão aqui na Terra, provavelmente é só uma questão de tempo até fazerem com este planeta o que fizeram com o meu.

A maioria das caixas que eu trouxe contém equipamentos de informática que comprei em minha longa e difícil viagem pelo país. Depois de trazer tudo para o escritório, começo a conectar os equipamentos, desmontando-os e reconfigurando-os de maneira mais eficiente, criando um sistema que vai incorporar o laptop altamente avançado que montei no Egito utilizando leitores de dados lóricos. O laptop customizado funciona bem, mas, com esta nova máquina, terei mais potência de processamento e mais espaço de armazenamento. O trabalho é tedioso, mas mantenho o foco. A noite cai, o sol nasce. Faço algumas pausas apenas para beber água e esticar as pernas.

Quando minha cabeça começa a latejar por eu estar concentrada há tanto tempo, vou dar uma volta lá fora, anotando mentalmente onde posso instalar algumas câmeras quando o computador estiver pronto, para reforçar a segurança — algo um pouco mais substancial que arame farpado. Este lugar vai dar muito trabalho, mas, quando terminar, será uma fortaleza de conhecimento e poder. Pretendo reunir toda e qualquer informação possível sobre os mogs. Esses cretinos que destruíram meu planeta, que *assassinaram* meu amigo, não perdem por esperar. Vou descobrir o que pretendem e ajudar os outros lorienos a derrubá-los. De alguma forma. De algum jeito.

Abro as portas meio enferrujadas do grande celeiro que tem nos fundos da propriedade. O rangido indica que estão intocadas faz um bom tempo. A luz entra por uma parte do teto que está faltando, iluminando alguns fardos de feno e algumas ferramentas penduradas na parede. O local não é lá essas coisas — na verdade, parece que viria abaixo com um bom empurrão —, mas vai servir.

Com um pouco de sorte, logo terei uma nave aqui: a que trouxe os Gardes selecionados e seus Cêpans a este planeta. Pelo que sei, talvez seja a última nave lórica do universo.

Porque, seja lá o que os Gardes tenham vindo fazer aqui, vão precisar de toda ajuda possível. Eles estão sendo caçados. *Nós* estamos sendo caçados. E, quando eles desenvolverem plenamente seus Legados e decidirem que é hora de atacar os mogadorianos, vão precisar da nave.

Há! Eu mesma vou levá-los até os mogs.

CAPÍTULO DOIS

Assim que configuro meu supercomputador — ou pelo menos o que se passa por um supercomputador neste planeta —, me ponho a trabalhar.

Começo com a informação que recebi de Zophie e Janus. Não é muito, mas é o que preciso corrigir.

Já que rastrear a Garde tem se provado uma tarefa quase impossível, sigo por um caminho diferente. Uma eternidade atrás, quando ainda vagávamos pelo espaço em uma nave remodelada, Zophie mencionou que Pittacus Lore tinha definido um contato para a Garde escolhida aqui na Terra. Se eu encontrar essa pessoa, posso conseguir entender melhor o que está acontecendo. Quem sabe? Talvez ela até saiba onde está a nave de Janus.

Além disso, sempre há a possibilidade de Pittacus ter sobrevivido à destruição de Lorien. Quem sabe onde os Anciões estavam quando nosso planeta foi aniquilado? Ele pode até estar aqui na Terra. O contato deve saber.

Então concentro minha investigação em uma pergunta simples: como Pittacus Lore recrutaria um humano para ajudar os lorienos?

Passo horas e mais horas pensando nisso, tentando entrar na cabeça de um Ancião. Ele teria procurado um grande intelectual? Ou um líder militar? Será que escolheria um milionário, cujos recursos lhe permitiriam proteger os últimos de nosso povo? Mas essas indagações só levam a mais perguntas: quais línguas terráqueas Pittacus falava? *Quantos* contatos ele pode ter tido neste planeta? Na Academia de Defesa de Lorien, trabalhei no aperfeiçoamento de tecnologias para a Terra, mas nunca pensei em perguntar como essas tecnologias eram ofertadas aos seres daqui. Pela primeira vez na vida me arrependo de ter deixado a ADL após a morte do meu irmão. Se tivesse continuado lá, talvez eu tivesse mais informações agora.

Durmo pouco e raramente saio do escritório. Com as janelas cobertas pelo blecaute, mal vejo se está claro ou escuro lá fora. Então me ocorre que posso estar partindo de uma premissa errada. Talvez não tenha sido Pittacus quem encontrou um contato na Terra. Talvez alguém na Terra o tenha encontrado.

Isso pode ser um ponto de partida, algo que delimita um pouco minha busca.

Começo a procurar iniciativas da Terra de entrar em contato com outros planetas. São relativamente poucas. Fico impressionada, não pela primeira vez, ao pensar como deve ser estranho acreditar que seu mundinho de terra, grama e água é o único a ter condições necessárias à vida. Passo dias seguindo pistas que acabam não dando em nada. Invado contas de e-mail e rastreio o histórico de navegação de uma dúzia de astrofísicos, cosmologistas, astronautas — até mesmo de alguns teóricos da conspiração pirados. Mas não descubro nada que sequer faça referência a Lorien ou a Pittacus Lore.

Até que finalmente me deparo com um candidato promissor. Encontro informações sobre um homem chamado Malcolm Goode, que falou abertamente sobre sua crença em seres extraterrestres — tanto que, aparentemente, isso lhe custou o emprego em um estabelecimento de ensino que não parece muito diferente da ADL. E o mais importante: ele publicou vários artigos detalhando suas tentativas de transmitir mensagens a outros planetas.

A pesquisa e os métodos desse homem são, embora primitivos, bastante consistentes.

Tendo chegado a um nome e parte da história, não demoro muito para encontrar o próprio Malcolm Goode. Supostamente, ele mora em uma cidadezinha em Ohio. Vasculho na internet mais um pouco e descubro alguns endereços de e-mail associados ao nome dele. A partir daí, é fácil invadir as contas do cara e mergulhar nas mensagens cotidianas do que parece ser uma vida bem rotineira.

Exceto por um e-mail que me leva a um fórum on-line privado. Está inativo há anos, e todas as discussões parecem inócuas. Dou uma olhada mesmo assim, e encontro uma mensagem apagada cujos vestígios permanecem nas linhas de código do fórum:

> Olá? Malcolm? Ainda tem alguém por aqui? Mais algum contato do Pittacus?
> Ethan

Penso em tentar entrar em contato com Malcolm pela internet ou por telefone, mas, se ele é *mesmo* a pessoa com quem Pittacus falou, provavelmente jurou segredo. Não quero correr o risco de perdê-lo de vista, então pego alguns equipamentos e armas e dirijo até Ohio. A viagem toma quase o dia inteiro. Detesto deixar o rancho desprotegido, mas seguir essa pista é prioridade no momento. Além do mais, duvido que eu tenha feito alguma coisa ali capaz de atrair os mogadorianos.

Pelo menos não ainda.

Malcolm mora no subúrbio de uma cidade chamada Paradise. Ao chegar, paro o carro no fim da rua e observo a casa dele por um tempo, tentando ter uma ideia de quem é esse homem. Pelos binóculos, vejo-o passar pelas janelas, e há também uma mulher e um menino de seis ou sete anos. Esposa e filho, imagino; me lembro de ter lido sobre a família em alguns dos e-mails. Ele rega algumas flores no jardim, depois vai à cozinha, lava e seca a louça. Uma vida que parece perfeitamente comum — tão comum que fico com medo de ter rastreado o cara errado.

Quando a esposa sai de casa e o menino vai brincar no quintal, é minha hora de agir. Paro o carro atrás de uma caminhonete estacionada em frente à casa de Malcolm. Segundos depois estou batendo à porta dele. Deixo uma das armas de Raylan no bolso do sobretudo preto. Passei a levá-la comigo aonde quer que eu vá, por garantia.

Malcolm Goode abre a porta com um sorriso. Tem cabelo escuro e ondulado, meio bagunçado. Seus olhos brilham, as sobrancelhas erguidas em expectativa.

— Posso ajudar? — pergunta ele, ajeitando os óculos de lentes grossas no nariz.

Ele é bem magro e muito mais baixo que eu. Ótimo. Se isso acabar mal e o cara não se mostrar nada satisfeito por eu ter aparecido na porta dele, terei essa vantagem.

Vou direto ao ponto:

— Vim aqui para falar sobre Pittacus Lore.

Ele hesita um segundo antes de responder:

— Acho que você bateu na casa errada.

— Nós dois sabemos que não é verdade — digo, mas não em inglês. Uso o idioma de Lorien, que a princípio soa muito estranho saindo da minha boca. Não falo a língua do meu povo há meses.

Malcolm se contorce sutilmente ao me ouvir. Seus olhos se arregalam por um instante, depois ele pisca muito, me encarando com um misto de incompreensão e espanto. Exatamente a reação que eu esperava.

— Que língua é essa? — pergunta ele, bem baixo e pouco convincente. — Nunca ouvi antes.

Volto para o inglês:

— Eu sei quem você é, Malcolm Goode.

Ele tenta fechar a porta, mas coloco o pé para impedi-lo.

— Olha, não tenho a menor intenção de machucar você — digo com firmeza.

— Só estou em busca de informações.

— Não sei do que você está falando — diz ele, tentando chutar meu pé para fora.

Pressiono a mão na porta e empurro com um pouco mais de força. Malcolm deve sentir a resistência, porque suas narinas se inflam.

— Só quero respostas — digo.

— Eu não sei de nada. — Sua voz sai mais alta agora, beirando o pânico. — Se você não for embora, vou chamar a polícia.

— E dizer o quê? Que eu vim perguntar sobre um Ancião lorieno? Você não quer que uma coisa dessas vá parar nos jornais. Os mogs apareceriam na mesma hora.

O rosto de Malcolm fica lívido. Ele praticamente para de empurrar a porta.

— Eles estão na Terra — continuo. — Os mogadorianos. Pittacus contou a você sobre eles, não foi? Ele devia saber o que estava para acontecer com Lorien, já que acertou coisas com você antes. Os mogs estão neste planeta. Eles vieram para a Terra. Eu só quero respostas.

Malcolm ergue o olhar e observa meu rosto. Vejo sua mente agitada, tentando decidir o que fazer.

— Como vou saber que você não é um… um mogadoriano? — pergunta ele.

— Malcolm, se você já tivesse visto algum desses malditos, saberia que essa é a pergunta mais ofensiva que já me fizeram na vida.

Ele assente de leve.

— Pelo que ouvi… imagino que sim.

— Sei sobre os lorienos que vieram para cá. Os nove Gardes e seus mentores. Sou uma amiga. Se não fosse, teria aparecido aqui com um exército.

Depois de alguns segundos, ele para de resistir e abre um pouco a porta, apenas o suficiente para me deixar passar. Enquanto ele coloca a cabeça para fora e olha em volta, observo os cômodos que consigo ver, avaliando o local, me preparando para qualquer eventualidade. Só porque esse homem foi escolhido por um dos Anciões lorienos não significa que ele seja de confiança. Pelo menos não para mim — não confio direito nem nos Anciões. Mantenho uma das mãos no bolso do casaco, pronta para sacar a arma ao primeiro sinal de que Malcolm não vai cooperar.

Mas ele coopera. Sou conduzida a seu escritório, onde prateleiras de madeira escura cobrem as paredes, cheias de livros, arquivos e papéis empilhados sem qualquer critério. As pilhas cobrem praticamente todas as superfícies disponíveis, o que me lembra o pequeno apartamento de porão em que eu

morava em Lorien, apinhado de todos os tipos de equipamentos de informática e diversos projetos de eletrônica.

Malcolm olha pela janela e vê o filho correndo no quintal, segurando acima da cabeça uma grande nave espacial ou avião. Quando se convence de que o menino não corre perigo, ele fecha as persianas e se vira para mim.

— Como você…? — começa ele.

— Um fórum de mensagens antigo.

— Mas… paramos de usar o fórum bem antes de a nave chegar. E só escrevíamos em código. Qualquer coisa que pudesse chamar atenção era apagada.

— Nada é apagado da internet por completo, Malcolm. Um dia seu povo vai descobrir isso. Se serve de consolo, levei um bom tempo para encontrar.

— Mas sempre tomamos tanto cuidado… — lamenta. — Nunca mencionávamos nada específico, só quando nos encontrávamos pessoalmente.

— Alguém não seguiu as regras.

Ele considera o que eu disse e, por fim, franze a testa.

— Pensei que tivesse me livrado dos… — Ele suspira. — Nada é apagado por completo. — Então Malcolm comprime os lábios. — Ethan. Sempre imaginei que ele acabaria sendo um problema. Por isso é que o cortamos antes mesmo que a nave aterrissasse.

— Como foi que Pittacus recrutou você? — pergunto. — Foi por causa das mensagens que você enviou para o espaço?

Ele me encara com uma expressão confusa, mas então assente.

— Pesquisei sobre você — explico. — Ainda tem contato com Pittacus? Conseguiria mandar uma mensagem para ele?

Malcolm olha para o chão.

— Sinto muito — diz ele —, mas Pittacus morreu.

As palavras chegam aos meus ouvidos, mas eu as sinto por dentro, meu estômago se contorcendo tão intensamente que quase me dobro de dor. Isso sempre foi uma possibilidade, bem provável até, mas mesmo assim fico um pouco sem ar ao ouvir a notícia. Sempre quis os Anciões fora do poder, mas nunca mortos. Não de verdade. Estamos em um número cada vez menor.

— Tem certeza? — pergunto.

— Absoluta.

Malcolm olha pela janela que dá para o quintal e depois de volta para mim.

— E quanto a um homem chamado Loridas? — pergunto.

— Outro dos “Anciões”, não é? Pelo que Pittacus me disse… acho que todos

se foram também.

Assinto lentamente.

— Havia mais alguém na nave além das nove crianças e seus guardiões?

— Não. Quer dizer, havia também um piloto, mas ele levou a nave para escondê-la. Eu não sei se…

— Janus — digo. — O nome dele era Janus. Também morreu.

Dou as costas para Malcolm, indo na direção de uma parede coberta de prateleiras com livros, para absorver todas essas informações.

— Quem é você? — pergunta ele. — Você fala a língua deles. É de Lorien também?

Estou prestes a responder quando vejo, sob algumas folhas de papel soltas em uma prateleira, um tablet branco.

Reconheço o aparelho; é lórico. Um dispositivo rastreador usado para acompanhar naves e às vezes até mesmo pessoas, dependendo de como é programado.

Se isso está aqui…

Em poucos e largos passos estou do outro lado da sala, o tablet nas mãos, derrubando os papéis que o cobriam no chão.

— Ele lhe deu isto? — pergunto.

— Sim, foi Pittacus. Mas, infelizmente, não conseguiu me passar nenhuma instrução, só pediu que o guardasse com cuidado. Ele estava ferido e… Você sabe o que é?

Pego meu laptop e um cabo de um dos antigos leitores de dados lóricos na mochila. Conecto o cabo na parte inferior do tablet branco, ligando-o ao laptop. Em segundos o dispositivo exibe na tela um mapa da Terra.

— Como você…? — Mas Malcolm não termina a frase.

— Sou boa com computadores — murmuro. — E já usei um desses em Lorien, uma ou duas vezes.

Pontos azuis luminosos pulsam em vários lugares do planeta. Pontos azuis representando pessoas. Dez no total. Os nove Gardes e mais um, será? Talvez Ella? Dados os poderes dos pais, eu não ficaria surpresa se ela desenvolvesse dons ainda bem nova.

Ou será que existe mais algum lorieno?

Há também dois triângulos. Um deles aparece no Egito: minha nave abandonada. O segundo, no sudoeste dos Estados Unidos.

A outra nave.

Meu coração acelera a ponto de eu sentir o sangue latejando nas têmporas.

— Você conhece esta área? — pergunto.

Malcolm se inclina sobre meu ombro.

— Vamos ver. Parece ser… Ah. — Ele faz um leve som de desdém. — Sim. Acredito que o local onde dizem que fica a base de Dulce. Uma operação secreta do governo. A mais conhecida é a Área 51, mas, ao contrário de Roswell, *esta aqui* não é uma farsa criada para atrair turistas.

— Dulce — repito para mim mesma.

Faz sentido. Se o governo americano encontrou a nave de Janus, o mais provável era que a mantivessem escondida. Pelo menos não está nas mãos dos mogs.

— O que tem em Dulce? — pergunta Malcolm.

— É perfeito — digo, ignorando-o. — Vou pegar a nave de volta. E, com este tablet, posso reunir os Gardes.

— Você não pode fazer isso — afirma Malcolm, balançando a cabeça com veemência. — Eles têm que ficar separados.

— Eles não vão ter a menor chance contra os mogs se forem encontrados sozinhos.

Vejo no rosto de Malcolm que algo lhe ocorreu.

— Você não sabe sobre a proteção que foi colocada neles, não é mesmo? — pergunta.

Olho para ele com mais atenção.

— Acho que precisamos ter uma longa conversa, Malcolm Goode.

CAPÍTULO TRÊS

Eu sabia que os Anciões deviam estar tramando alguma coisa ao mandarem os Gardes para este planeta. Até presumi que tivessem colocado os jovens lorienos em perigo em nome do bem maior — o tipo de coisa que eu esperava dos governantes de Lorien. Mas nunca imaginei que eles dariam a essas nove crianças a ordem em que morreriam e chamariam isso de “proteção”. Em termos de sobrevivência, talvez faça sentido. Mas só consigo pensar na infeliz criança escolhida para ser o Número Um. Como deve ser carregar um fardo desses?

Esses nove Gardes… eles devem ter sido incumbidos de, sabe-se lá como, salvar nosso povo. Isso ajudaria a explicar por que os mogadorianos vieram à Terra: se os Gardes que escaparam tiverem condições de um dia recuperar Lorien, não é difícil imaginar que farão isso derrubando os que destruíram nosso planeta. É claro que os mogs querem acabar com eles.

Agora fica óbvio por que essas crianças se separaram, por que se dispersaram por todo o planeta, esses minúsculos pontos azuis que piscam na tela. Minha ideia era reunir os nove Gardes, mas agora vejo claramente que isso seria perigoso. Os mogs poderiam acabar com eles em um único ataque, destruindo todos de uma vez. Melhor que fiquem separados. Pelo menos por enquanto. Pelo menos até ficarem mais velhos e mais fortes, com seus Legados desenvolvidos. Espero que contem com bons Cêpans; que tenham lhes dado os mentores mais capazes do nosso planeta.

É melhor que eu não interfira. Preciso confiar na sabedoria dos Anciões e na capacidade dos Cêpans, por mais que eu odeie fazer isso. Ainda que eu procurasse os Gardes um por um, estaria correndo o risco de levar os mogs direto até eles, por mais que tomasse cuidado. Assim, só me resta um único e claro objetivo.

Ir até Dulce pegar aquela nave.

— Vou levar isso comigo — digo, ainda olhando para o tablet branco.

— O quê? Não. Por quê? Você não pode levar.

— Você não tem escolha. O tablet é lórico, pertence a mim.

— Pittacus me mandou protegê-lo. Disse que seria útil.

— Exatamente. E eu vou usá-lo.

— Não. — Malcolm cerra os punhos e finca os pés na minha frente. — É minha responsabilidade. Arrisquei tudo para ajudar o seu povo. Minha vida. Minha *família*. Pittacus me disse para guardar este tablet para os Gardes, e é isso o que vou fazer. Um dos Cêpans… acho que o nome lórico dele é Brandon… ele disse que voltaria para buscá-lo se houvesse problemas, ou quando seu protegido estivesse na idade de começar a desenvolver os poderes, ou seja lá como vocês chamam isso.

Levo a mão à arma. Não quero ameaçar Malcolm — afinal, ele tem razão quando diz que sacrificou muito para ajudar meu povo —, mas não vou deixar esse equipamento nas mãos de alguém que nem sabe como usá-lo.

Ouço um barulho vindo do corredor. Quando me viro, vejo o filho de Malcolm ali parado, um robô de plástico no chão à sua frente. Ele usa uma camisa com uma imagem de Saturno, o sexto planeta a partir do sol deste sistema solar. Reconheço os anéis; já os vi de perto, quando eu vinha para a Terra. O menino é pálido e magro, com cabelo loiro cor de areia. Embora fisicamente não tenha nenhuma semelhança com Zane, alguma coisa em sua expressão — cheia de encantamento — me lembra meu irmão na mesma hora. A dor surge em um lugar dentro de mim que pensei que havia finalmente começado a cicatrizar.

— Sam, vá lá para fora, está bem? — diz Malcolm, relaxando a postura.

Sam apenas me encara. Malcolm olha de mim para ele algumas vezes, até que cruza a sala e empurra o filho para longe da minha vista.

Fico pensando sobre o fato de que esta família, moradora de uma pequena cidade de Ohio, talvez tenha salvado os últimos do meu povo. E que cheguei a considerar usar a arma para que Malcolm me deixasse levar o tablet. O que Zophie diria? O que Zane diria?

Não sou um brutamontes mogadoriano. Não vou ameaçar este homem e seu filho. Não sou assim.

Além do mais, se os Cêpans estão contando que o tablet branco esteja em Paradise, não posso simplesmente levá-lo comigo para o Alabama.

— Deixe o menino — digo, pousando o dispositivo na mesa de Malcolm e guardando minhas coisas. — É melhor eu ir.

Malcolm parece confuso, mas concorda.

— Quando vierem atrás do tablet, diga que a nave no Egito está destruída — falo, passando por Malcolm e seu filho em direção à porta.

— Espere — chama ele. — Quem é você? Como chegou aqui? Você nem me

disse seu nome. Para onde está indo?

— Novo México. — Paro na porta, me virando para ele. — Malcolm, encare minha visita como um alerta. Eu encontrei você. Levei um tempo, mas encontrei. E isso significa que os mogs… — olho de relance para Sam, que se esconde atrás das pernas do pai — … que *outros* podem fazer o mesmo. Outros que não são tão amigáveis quanto eu.

Malcolm me olha com a expressão grave, assentindo ligeiramente.

— Cuide da sua família — digo, descendo para o jardim. — E do tablet. Pelo menos *esconda* isso, caramba! A última coisa de que precisamos é que esse aparelho caia nas mãos do inimigo.

Malcolm ainda está à porta quando saio com o carro. Sam fica parado atrás do pai. Quando pego a rua, o menino acena para mim.



É um longo caminho de Paradise até Dulce. Belos campos verdejantes seguidos por planícies que parecem se estender para além do horizonte. Descanso em um hotel de beira de estrada no Kansas por algumas horas, mas quase não durmo, porque, pela primeira vez desde que cheguei à Terra, sei *exatamente* onde está a nave de Janus. E porque estou preocupada pensando em como vou chegar até ela. Dou uma olhada nas histórias que consigo encontrar na internet sobre essa "base secreta". A maioria parece ser fruto da mente de teóricos da conspiração e charlatões — no entanto, considerando que Malcolm era visto como um desses caras pelos outros profissionais de sua área, talvez eu não devesse me apressar em fazer julgamentos. Parece que essa base é vista aos olhos comuns como uma espécie de centro de pesquisa, então espero que não seja tão bem protegida. Talvez eu até consiga interceptar mensagens do sistema de comunicação deles quando chegar perto, para ter uma ideia de como a segurança funciona por dentro. Não me atrevo a tentar isso usando a rede desprotegida do hotel.

Talvez. As incertezas são muitas, e preciso lembrar a mim mesma que não posso agir com pressa. Não posso simplesmente abrir um buraco na cerca ou pular um portão e invadir a base sem um plano. Seria uma burrice agir de forma tão imprudente — ou ingênua.

Depois de avaliar mapas e fotografias para ter uma noção da área onde supostamente fica a base, tento dormir. Pela manhã, me levanto antes do nascer do sol e dirijo pelas montanhas do Colorado, que depois de um tempo dão lugar ao terreno árido do Novo México.

Quando avisto uma cerca com arame farpado e coberta de avisos proibindo fotografar e ultrapassar, deduzo que estou no lugar certo. Aqui da estrada, que mais parece uma trilha, não vejo muito mais do que a cerca. Já é de tarde, e não passo exatamente despercebida dirigindo um grande SUV preto pelo deserto, então é melhor não me aproximar tanto para não abusar da sorte. Sigo para a cidade mais próxima, Dulce, e pago por uma semana em um hotelzinho barato. Deixo quase todas as minhas coisas no quarto pequeno e decadente, para o caso de eu conseguir pegar a nave e ter que deixar o carro para trás. Pego algumas armas para levar comigo e vou a uma loja de artigos esportivos providenciar outras coisinhas. Óculos de visão noturna. Alicate de metal, por via das dúvidas.

À noite, eu volto. Paro o carro a uns oitocentos metros da cerca e observo a área com os óculos que comprei. Não vejo nenhuma câmera nem alarme. Só quando chego mais perto é que finalmente avisto o topo das construções e parte do terreno da base. Paro a alguns metros da cerca e observo.

E o que vejo ultrapassa em muito minha compreensão.

A base é uma propriedade das agências do governo americano — isso fica claro pelas informações que encontrei on-line e pelos muitos avisos na cerca alertando que estou adentrando em "território militar". Há também diversos veículos com placa e adesivos do governo. Vejo, ainda, uns caras armados, usando roupa camuflada, andando de um lado para outro.

Mas não é isso o que faz meu queixo cair e minhas mãos começarem a tremer.

Há uma nave ao lado de uma alta torre de vigia. Não uma nave lórica, mas a reconheço mesmo assim. Centenas iguais a essa enxamearam os céus durante a invasão a Lorien, espalhando fogo e morte pelo meu planeta, trazendo batalhões de soldados que massacraram meu povo.

É uma nave mogadoriana.

— Puta merda — sussurro. — O que os mogs estão fazendo aqui?

Fico zonza pensando nas implicações disso tudo. Ou os mogs tomaram essa base e estão, sei lá como, forçando os humanos a trabalhar para eles ou…

Engulo um nó que é um misto de raiva e incredulidade.

Ou os mogs e o governo americano são aliados.

As coisas acabaram de ficar muito mais complicadas.

Abaixo lentamente os óculos de visão noturna, tentando entender o que estou vendo. Só então ouço passos às minhas costas.

CAPÍTULO QUATRO

— Mãos ao alto! — grita um homem.

Lanternas se acendem. Ouço cliques metálicos atrás de mim.

Olho de relance por sobre o ombro e vejo que não são mogs. Quatro homens em uniforme marrom de forças de segurança formam um semicírculo e me encurralam contra a cerca. As armas estão apontadas para as minhas costas, mas eles tremem um pouco. Parecem quase assustados.

Levo um instante para me mexer, considerando minhas opções. Tenho uma espingarda no banco traseiro do carro e a arma de Raylan no bolso do casaco. Eu poderia tentar fugir…

Mas esses caras são só humanos. Provavelmente estão só fazendo seu trabalho. Quais são as chances de eu conseguir dar o fora daqui sem matar um deles acidentalmente?

Uma parte minha diz que eu não deveria me importar; que eu deveria escapar, pelo bem dos últimos lorienos. Mas isso se parece muito com o tipo de coisa que os Anciões diriam. E eu *não* sou uma Anciã.

Pela segunda vez, nas últimas vinte e quatro horas, relembro por que gosto de trabalhar nos bastidores.

— Eu mandei erguer as mãos! — grita a mesma voz.

Eu me viro devagar, levantando as mãos. Os policiais parecem assustados no início, mas não sei bem que aspecto da minha aparência os surpreende. Talvez o fato de eu não ser um homem. Já percebi que, assim como em Lorien, as pessoas aqui na Terra não estão acostumadas a ver uma mulher tão alta. Após o instante de surpresa, noto uma onda de alívio tomar conta deles. O cara de chapéu grande (o líder do grupo, imagino) se aproxima, apontando o facho da lanterna para meu rosto. Ele olha para minha cabeça raspada e depois nos meus olhos.

— O que veio fazer aqui? — pergunta ele.

— Passear — respondo.

Ele solta um grunhido, mas vejo que relaxa a postura. Os outros abaixam um pouco as armas.

— Esta é uma propriedade do governo — diz ele. — Não toleramos invasões.

— Mas eu estou do lado de fora da cerca.

Ele sorri.

— O que a coloca sob minha jurisdição. Eu conheço praticamente todo mundo do condado de Rio Arriba e, definitivamente, nunca a vi. Precisamos ser apresentados. Que tal você começar me contando por que está andando por aí no escuro com esses óculos de caça?

Ele faz um gesto para um de seus homens, que se coloca atrás de mim e começa a me revistar antes que eu possa contestar. O sujeito encontra a arma no bolso do meu casaco.

— Mas o que…? — sussurra, segurando a arma.

Ele obviamente nunca segurou uma dessas antes e não percebe como o gatilho é sensível, porque a arma emite um som eletrônico e dispara, abrindo um buraco no pneu dianteiro do SUV. O carro emborca à medida que o pneu esvazia.

— Merda — resmungo.

De repente, todas as armas estão apontadas para mim novamente, e o homem de chapéu prende minhas mãos às costas. Penso em resistir, mas não tem a menor condição de eu conseguir fugir agora. Um dos homens começa a me fazer perguntas sobre algum policial de quem nunca ouvi falar, mas o líder o faz calar a boca.

— Ninguém fala com ela até chegarmos à delegacia. O interrogatório é comigo.

— Devemos continuar patrulhando o perímetro? — pergunta um dos policiais.

— Sem as luzes das lanternas — responde o homem de chapéu. — E em silêncio. Não quero que ninguém veja vocês… de nenhum dos dois lados da cerca. — Ele se vira para mim. — Você tem o direito de permanecer calada…

Minha mente dispara, tentando lembrar tudo que aprendi sobre o sistema de justiça americano, qualquer detalhe que possa ser útil.

— De qual crime estou sendo acusada? — pergunto, enquanto ele me empurra em direção a um carro que mal enxergo na escuridão. — Eu não fiz nada de errado.

— Posse ilegal de arma de fogo — afirma o homem. — E suspeita de assassinato de um policial.

Sentada no banco traseiro da viatura, junto as peças que consigo capturar na conversa que ouço entre o homem de chapéu (o xerife do condado) e um de seus subxerifes. Pelo que entendi, dois policiais foram investigar relatos de que luzes estranhas foram vistas perto da base, o que não deve ser muito incomum naquela área. Mas algo aconteceu. Apenas um dos policiais voltou, e com o corpo cravejado de tiros disparados por algum tipo de arma não identificada, as feridas cauterizadas. Antes de entrar em coma, ele mencionou homens com cabeça tatuada e olhos negros.

Não é de admirar que eles tenham tido uma reação tão intensa ao disparo da minha arma.

Depois que o choque de ser presa diminui, o pânico começa a se instalar em meu peito. Não tenho nenhuma identificação. Nem mesmo sou humana. E estou algemada em uma viatura, com uma grossa grade de metal me separando do banco da frente.

Preciso escapar de alguma forma.

Enquanto cruzamos Dulce a toda velocidade, a sirene gritando e as luzes piscando, tento me localizar em relação ao hotel onde deixei meu laptop e várias armas extras. A cidade é pequena, então não demoro muito para me orientar — embora isso também signifique que não existem muitos lugares para eu me esconder se conseguir escapar da polícia. Assim que vejo a placa do hotel a distância, memorizo o caminho que fazemos.

Os policiais me levam a uma pequena delegacia no centro da cidade. Acho que Dulce não precisa muito da presença policial. O subxerife me puxa para fora do carro e me conduz prédio adentro até uma pequena recepção, onde uma mulher com fones de ouvido está sentada a uma mesa bagunçada. A parede dos fundos é quase toda de vidro jateado. A mulher atualiza os policiais quanto à condição de saúde do colega ferido — que não está nada bem —, e então sou levada por uma porta vaivém.

O restante da delegacia é basicamente uma grande sala sem divisões, cheia de mesas de madeira. Corro os olhos em volta. Há um armário de armas no canto dos fundos, mas está trancado com cadeado. As persianas estão fechadas, e me repreendo por não ter reparado se havia barras de ferro nas janelas do lado de fora.

— Quer que eu a prenda com o Tony? — pergunta o subxerife, fazendo um gesto na direção dos fundos, onde vejo um homem dormindo dentro de uma cela pequena. — Ele deve ficar desmaiado até de manhã.

— Não. Deixe a garota algemada a uma cadeira, por enquanto — responde o

xerife. — Quero seguir o script certinho.

A algema da mão esquerda é aberta e presa ao puxador de um pequeno arquivo de metal sobre o qual repousa uma cafeteira vazia. O subxerife aponta para um banquinho ao lado do arquivo. Eu me sento a contragosto, fazendo força no braço contra o arquivo. É muito pesado. Não tem como arrastá-lo para fora. Então observo em volta. O subxerife liga a cafeteira e segue para uma das mesas. Ele deixa minha arma (agora dentro de um saco plástico) no alto de uma pilha de papéis.

— Certinho — murmura ele, sentando-se. — Claro.

O subxerife começa a digitar no computador, o xerife olhando por cima do ombro dele. Pela conversa dos dois, deduzo que estão fazendo algum relatório sobre minha prisão. Os computadores parecem milenares, e por um segundo penso em como seria fácil invadi-los e roubar toda a informação que eu quisesse. Mas essa é a menor das minhas preocupações no momento.

Algum tempo depois, o xerife se aproxima.

— Nome? — pergunta ele.

Eu o encaro. Nenhum de nós dois pisca. Não sei quanto tempo isso dura; minutos? Por fim, é ele quem quebra o silêncio.

— Senhorita, posso passar a noite inteira nisso, mas você vai acabar ficando cansada ou com fome. No meu caso, é só eu pedir que me tragam um cheesebúrger. Mas você? Você não vai a lugar nenhum tão cedo, então é melhor cooperar, para ter uma estadia mais confortável.

Nosso impasse continua. Ele pega o café fresco e enche uma xícara, sem tirar os olhos de mim mesmo enquanto bebe. Por fim, somos interrompidos pela mulher da recepção, que surge pela porta vaivém.

— Hum, xerife — diz ela, claramente preocupada com alguma coisa —, tem dois homens aqui insistindo em…

Antes que ela possa terminar, a porta se abre de novo e dois homens de terno preto entram. O primeiro é mais velho, com cabelo branco rareando e nariz largo. O outro tem a pele escura, como a minha, e um bigodinho fino.

— Agente especial Purdy. FBI — anuncia o primeiro homem, estendendo um distintivo que não consigo ver. — Tenho perguntas a fazer à detenta.

— Esperem aí — diz o delegado, indo em direção à dupla. — Como é que vocês sabem que prendemos alguém?

Purdy sorri.

— Estamos sempre atentos, xerife.

Disso não tenho dúvida. Se o governo está trabalhando com os mogs naquela

base, deve estar monitorando todos os tipos de comunicações. Provavelmente fui observada ou filmada o tempo todo em que fiquei perto da cerca, mesmo não tendo visto nenhuma câmera.

Tanto cuidado para nada. Mais uma vez, lembro a mim mesma que deveria estar na segurança do rancho, em frente ao computador.

O xerife conversa em voz baixa, mas alterada, com o subxerife, do outro lado da sala. Enquanto isso, Purdy vem até mim. Ele afasta o paletó para me mostrar rapidamente uma pistola grande, depois cruza os braços.

— Bom, que tal você colaborar? Pode começar me dizendo seu nome.

— Senhor — chama o outro… o outro agente especial?

Purdy se vira. O parceiro dele está com o saco que contém minha arma. Ele assente, e o homem a guarda. Então Purdy solta um assobio e volta sua atenção de novo para mim. Quando ele se curva para perto, sinto o cheiro de café velho em seu hálito, e de algo mais. Algo rançoso.

— Arminha poderosa essa sua, hein? — debocha ele. — Onde a conseguiu?

Não respondo nada, mas ele parece não se importar.

— Obrigado por pegarem a moça — diz Purdy, dirigindo-se ao xerife —, mas estou assumindo oficialmente esta investigação. — Ele sorri para mim. — Você e eu vamos ter uma longa conversa lá na base.

— Do que você está falando? — pergunta o xerife. — Essa mulher é *nossa* suspeita, e se você acha que…

— Pode discutir comigo o quanto quiser, mas acredito que esta mulher tenha informações sobre atentados terroristas planejados contra este país. E se você pensa que o governo vai deixá-la nas mãos da força policial de uma cidadezinha qualquer, está louco.

O prazer de Purdy em impor sua autoridade sobre os outros transborda de suas palavras. O xerife bufa em desprezo, mas não diz nada, embora mantenha a mão junto à arma na cintura. O outro agente estufa o peito e se aproxima dos policiais.

Entro em pânico. Não posso voltar àquela base. Não como prisioneira. Não se os mogs estiverem envolvidos. Eles vão descobrir que sou loriena e vão me usar, me *destruir*, como fizeram com Janus.

Eu sei demais. Sobre Ella e Crayton. Sobre o tablet branco. Eles não podem entrar em minha mente. E não sei se tenho força suficiente para suportar a tortura que usaram com Janus para fazê-lo contar todos os seus segredos.

Preciso fugir. Tentei não ferir ninguém deste planeta, já que eles só tiveram o azar de estar no meio desse fogo cruzado, mas acho que Purdy não se inclui

nesse grupo. Se ele trabalha na base, trabalha com os mogs. Não me incomodaria machucá-lo; na verdade, acho que seria um imenso prazer.

Ele se inclina para perto de mim novamente.

— Aproveite seus últimos minutos de ar fresco. Porque, se não começar a cooperar, vou cuidar para que você nunca mais volte a pôr os pés na superfície.

Eu tenho uma chance.

— Isto é por Zophie — murmuro.

E tento uma fuga desesperada.

CAPÍTULO CINCO

Enfio a bota na barriga de Purdy. Enquanto ele cambaleia para trás, me levanto da cadeira, me agacho o máximo que consigo e então pulo para a frente, puxando com força as algemas. A gaveta quadrada do arquivo sai bruscamente. A algema corta minha pele quando a gaveta prende, mas continuo em um movimento fluido, puxando o metal com as mãos. É a maior sorte da minha vida a gaveta estar cheia de material de café, e não de arquivos de verdade, pois assim consigo fazê-la se soltar. A gaveta voa em um amplo arco acima da minha cabeça, ameaçando arrancar minha mão.

Ouço um estrondoso barulho metálico quando a ponta da gaveta acerta o rosto de Purdy. De repente, há sangue por toda parte.

— Meu nariz! — Purdy tateia cegamente a mesa atrás dele. — A filha da mãe quebrou meu nariz!

Ele meio que desaba em uma cadeira de rodinhas. O outro agente está com a minha arma, então avanço sobre Purdy para pegar a dele e deslizo pelo piso, arrastando a gaveta agora vazia. Disparo um tiro de advertência para o teto enquanto me abaixo atrás de uma das mesas. É o suficiente para fazer o xerife e o subxerife se esconderem em busca de proteção.

Purdy berra alguma coisa em um walkie-talkie que ele tira do bolso do paletó. De repente, ouço um grito vindo da recepção. Do outro lado do vidro jateado surgem duas figuras, que então irrompem pela porta vaivém: dois mogadorianos.

Merda.

Não hesito em disparar alguns tiros por sobre a mesa na direção dos mogs, apenas o suficiente para mantê-los afastados. Mas o coice da arma é mais forte do que eu esperava. Não consigo acertar nenhum dos dois.

Os disparos dos mogs enchem o ar e destroem os monitores, os papéis e os porta-retratos em cima das mesas. Ouço um grito às minhas costas: Tony, o cara que estava na cela, se jogou no chão, cobrindo a cabeça com as mãos.

— Tony! — grito. Ele parece genuinamente surpreso em ouvir o próprio nome, mas levanta o rosto para mim. Aponto para minhas algemas. — Onde fica a chave?

Ele balança a cabeça, os lábios tremendo. Não tenho tempo para isso. Não vou sair dali arrastando uma gaveta de meio metro, e, pelo que intuí, Tony deve ser um frequentador habitual dessa delegacia. Se ele não me ajudar, minhas opções são perder a mão ou tentar arrebentar as algemas com tiros.

Disparo mais duas vezes para trás e me viro de novo para Tony, apontando a arma para ele.

— A chave — digo, curto e grossa.

Com um dedo trêmulo, ele aponta para uma mesa próxima.

— S-Segunda gaveta — responde.

Há uma pausa nos disparos. Quando dou uma olhada para o lado, vejo o xerife e o subxerife totalmente lívidos, encarando os mogs. Os malditos sanguinários, enquanto isso, olham dos homens da lei para Purdy, como se estivessem avaliando o que fazer.

— Que inferno! — grita Purdy, agachado ao lado do armário, apertando um lenço ensanguentado no nariz. O outro agente está agachado perto dele, dando-lhe cobertura. — Não era para verem nada disso. Vou ter que resolver mais essa, hoje?

Aproveito a confusão para seguir depressa até a outra mesa. Os tiros dos mogs crivam de buracos a gaveta do arquivo. Abro a gaveta da mesa e reviro um monte de pacotes de batatas fritas e barras de cereal até encontrar uma pequena chave.

Talvez a sorte esteja, sim, do meu lado.

Jogo as algemas no chão e dou uma olhada rápida no estrago feito em meu pulso: está em carne viva e muito vermelho. Faço menção de fechar a gaveta com força quando vejo outra chave: é de carro, marcada com o número 013.

Por via das dúvidas, me aproprio dessa também — se eu conseguir chegar ao estacionamento, o número 13 pode ser meu passaporte para fora daqui. Vou ter que dar um jeito de escapar desta cidadezinha, e, se o lugar está cheio de mogs, com certeza não vou conseguir fugir a pé.

Do outro lado da delegacia, os policiais já perceberam que essas criaturas de olhos pretos e cabeça tatuada estão usando o mesmo tipo de arma que provavelmente matou seu colega. Eles gritam todos os tipos de perguntas para os mogs e apontam as armas para eles. Uso essa situação a meu favor: disparo uma bala que atravessa o peito de um dos mogs. Ele deixa escapar um gemido e vira um montinho de cinzas no chão.

Os policiais gritam entre si, confusos. Purdy ordena que o outro agente me detenha, mas eu atiro na direção deles. A cafeteira quase cheia que está em cima

do armário se despedaça, jorrando cacos de vidro e o líquido escaldante na cabeça do outro agente. Ele grita de dor. Nesse momento, arremesso na janela lateral da sala a gaveta que estava presa ao meu braço segundos atrás — não há grades nem barras do lado de fora.

— Merda! — grita Purdy. — Cuide deles. Vou atrás da garota.

Em poucos e velozes saltos, o segundo mog alcança os policiais e acerta um soco com força no xerife, que cai de qualquer jeito. Corro para a janela, atirando para trás, na direção de Purdy, até ouvir um clique seco da arma. Não consegui acertá-lo, mas o obriguei a se esconder, o que me garante alguns segundos a mais de vantagem. Salto para fora pela janela quebrada. O vidro corta e arranha meu corpo em vários pontos, mas nada sério — pelo menos não em comparação com o que pode acontecer se eu for levada pelos mogs.

Lá fora o ar está frio. Corro em direção ao pequeno estacionamento atrás da delegacia, onde vejo algumas viaturas. Pego do bolso a chave número 013, pronta para fugir.

Mas não há nenhum carro número 13.

Droga.

Estou prestes a tentar uma fuga desesperada quando vejo duas motos da polícia estacionadas ao lado do prédio. Motos grandes, robustas. Uma delas tem o número 13 pintado na lateral.

É isso que vai me tirar dali.

Levo alguns segundos tentando descobrir onde a chave entra. Saio apertando qualquer alavanca e botão até finalmente acionar algo no lado direito do guidom que liga o maldito veículo. O motor acelera quando giro um dos controles (não é diferente de alguns veículos que já vi em Lorien), e a moto quase sai em disparada do meio das minhas pernas, colidindo contra a parede.

— Epa — murmuro, tentando recuperar o equilíbrio.

Ouço um tiro às minhas costas, seguido pelo estilhaçar do escudo de plástico transparente que protege a frente da moto. Purdy está ali fora, com uma nova arma apontada para mim. Imediatamente me arrependo de ter deixado minha arma para trás. Tenho a impressão de que ele está tendo dificuldade em mirar. Levar uma gavetada na cara deve fazer isso com a pessoa. Mesmo assim, não vou me arriscar. Giro o guidom de novo e me ponho em movimento, rápido demais a princípio. A moto oscila, e sinto que vou cair, mas continuo em frente, acelerando aos poucos até sentir que o impulso do movimento me equilibra. Sigo para o hotel em que deixei minhas coisas, recordando o trajeto que fizemos para chegar à delegacia mais cedo. Nem tento descobrir como ligar o farol.

Os poucos minutos que levo para atravessar a cidade parecem horas. A cada curva tenho certeza de que vou deparar com um grupo de mogs, mas as ruas estão tranquilas, o que me dá a chance de pensar até que ponto os mogs já tinham se infiltrado nos Estados Unidos — e em todos os países, aliás. Que tipo de lavagem cerebral eles fizeram neste planeta?

Será que a Terra ainda tem salvação?

Meus pensamentos voltam para os policiais. Não há a menor chance de Purdy deixá-los vivos agora que viram os mogs. Trinco os dentes até a mandíbula doer. Se eu não tivesse ido até lá, continuariam vivos.

Ou não. Afinal, eles estavam investigando a base. Tinham percebido algo de errado lá. Provavelmente era só uma questão de tempo até os mogs e o FBI agirem. Eu só acelerei as coisas. Daqui a pouco, Dulce vai se tornar uma cidade fantasma.

Devo estar com um aspecto bizarro quando chego ao hotel, porque, quando entro na recepção para dizer que perdi minha chave, a atendente dá um pulo de susto. Mas ela me entrega uma chave reserva. Então, bastam alguns minutos para que eu guarde o laptop e minhas coisas em outra bolsa, e já estou de volta à estrada, deixando Dulce e aqueles mogs cretinos para trás. Não posso ficar aqui — eles estão à minha procura, e não há onde me esconder nessa pequena cidade desértica. Tenho que ir para o mais longe possível, antes de chegarem os reforços que Purdy sem dúvida pediu.

Disparo na moto pela escuridão, o vento da noite açoitando meu rosto. Enquanto sigo depressa pelas ruas, não posso deixar de rir do fato de que, contra todas as probabilidades, de alguma forma consegui escapar. O vento agita meu casaco, e do nada começo a pensar em meu irmão, Zane. Será que era assim que ele se sentia quando estava voando?

Só depois de alguns quilômetros é que o choque começa a passar e percebo que a nave de Janus — não, não é mais dele; que a *minha* nave provavelmente está sendo guardada por um verdadeiro exército de mogadorianos e agentes do governo.

Como é que vou conseguir recuperá-la?

CAPÍTULO SEIS

Não é difícil voltar para o rancho depois que saio de Dulce.

Abandono a moto da polícia na primeira cidade em que chego, pois não quero levantar suspeitas — imagino que eu esteja chamando um pouco de atenção nesse veículo. Pego um ônibus, o primeiro que encontro indo para o leste. O deserto lentamente vai dando lugar a pastos verdejantes.

No Texas, mudo de transporte. Outra moto, mas dessa vez eu a compro. Mais tarde posso arrumar outro SUV, mas por ora quero sentir o vento em meu corpo, ouvi-lo fustigando o capacete preto, abafando todos os pensamentos sobre o que devo fazer agora que sei que a Garde não pode ser reunida neste momento e que minha nave está sendo vigiada por forças provavelmente impossíveis de serem vencidas por mim. Não em uma luta, pelo menos. Não consigo deixar de pensar sobre a presença mogadoriana na Terra, que deve ser muito mais ampla e muito, muito mais entranhada do que eu imaginava.

Ou será que não? Talvez Dulce seja uma anomalia. Talvez seja o único lugar em que os mogs e o governo estão trabalhando lado a lado. Aqueles podem ser os únicos mogs neste planeta, até onde sei. As poucas informações que eu tinha sobre Janus indicavam que a nave devia estar em algum lugar no nordeste dos Estados Unidos, e ainda assim os mogs ou o FBI — ou seja lá quem a tiver encontrado — a levaram para o Novo México. Por que transportá-la até o outro lado do país? Talvez fosse o único lugar em que pudessem escondê-la.

Mais perguntas. A cada uma respondida, surgem outras cinco.

Tem que haver alguma coisa que eu possa fazer. Não posso simplesmente ficar anos de braços cruzados aqui neste planeta, esperando os últimos Gardes desenvolverem seus Legados, contando que vão ressurgir como máquinas de guerra imbatíveis.

Estou quase na fronteira do Texas com o Arkansas quando percebo que meus objetivos não mudaram tanto assim. Claro, a questão da nave sofreu um retrocesso, mas minha outra preocupação — descobrir que diabos os mogs estão fazendo neste planeta — ainda é relevante. Só que agora o foco mudou: em vez de me preocupar com o que estão fazendo aqui, preciso tentar descobrir *como*

estão operando. Talvez Dulce seja somente o *início* da campanha deles neste planeta. Se for assim, pode ainda haver tempo de detê-los. Se os mogadorianos estão apenas começando a se infiltrar no governo, talvez ainda esteja em tempo de salvar a humanidade.

Só preciso descobrir até onde eles chegaram e, então, desmascará-los. De certa forma, é a mesma coisa que eu estava tentando fazer em Lorien. Mas agora não é o meu povo que tento incitar à ação, e sim um outro planeta inteiro. Um planeta alheio não só ao fato de que existem seres inteligentes em outras partes do universo, mas também de que esses outros seres já se infiltraram na Terra.

Como posso convencer um mundo em que as pessoas podem não estar exatamente abertas à ideia de não serem as únicas nesta galáxia?

Quando volto ao rancho, com seu portão inútil e seu terreno irregular, vou direto ao escritório. Digito uma pequena carta explicando aos humanos quem são os mogadorianos e informando que esses monstros sanguinários podem ter se infiltrado em seus governos. Faço um relato em primeira mão do que vi em Dulce. Quando termino, meus dedos pairam sobre o teclado. Posso fazer essa mensagem se difundir. Posso manipular códigos de forma que este artigo saia na primeira página dos sites mais populares. Ninguém teria como ignorá-lo. Eu poderia colocar um link para todas as provas que reuni até agora de que os mogs e lorienos estão na Terra, para que os humanos me ajudassem a proteger meu povo.

Mas hesito. Penso novamente no que estou fazendo. Mesmo se eu não mencionar os lorienos, publicar estas informações, expondo-os, seria um ato declaradamente hostil aos mogs. Certamente haveria consequências.

E se, na tentativa de alertar a Terra sobre o que está acontecendo, eu acabasse levando os mogs a agir — a invadir, ou conquistar? E se isso obrigasse os Gardes a se revelar — muito antes de estarem prontos?

E se, sem querer, eu desse início a uma guerra interplanetária?

Fico olhando para a tela do computador por um tempo que parece enorme. Então, salvo o documento que escrevi, mas o guardo para mim mesma.

Acho que ando pensando em uma escala muito grande. Antes de tentar fazer com que toda a humanidade fique do meu lado, posso começar com poucas pessoas. Procurar aqueles que já pensam na possibilidade de vida em Marte ou Júpiter ou escondida no Cinturão de Órion. Sei que eles estão por aí. Já li mensagens desse tipo em fóruns e salas de bate-papo. Já dei uma olhada em blogs sobre isso, tentando descobrir se eram loucos ou se os contatos imediatos que descreviam tinham sido com os lorienos ou os mogs. Malcolm é a prova de

que eles existem, de que são fervorosos e podem ser úteis — embora, tendo-o visto junto do filho, acho que eu não iria querer levá-lo a colocar em risco a própria família.

Posso reunir uma pequena tropa de espiões e informantes. Pessoas que poderiam investigar enquanto me mantenho fora do radar. Vai ser complicado selecionar os melhores candidatos, mas vai valer a pena. Gente sem família. Sem laços ou conexões. Gente como eu. Posso, aos poucos, lhes mostrar o que realmente estou fazendo — quem é nosso verdadeiro inimigo.

Eles são meu ponto de partida. Assim como Pittacus começou com Malcolm. Por todo este planeta existem pessoas que acreditam. Só preciso me aproximar delas.

Enquanto fortaleço a segurança no rancho e nos arredores, crio um site. Parece bem normal — como uma dúzia de outras páginas da web ou sites de teoria da conspiração dedicados a provar a existência de aliens —, só que este é construído a partir do meu código, programado para coletar os dados de quem o visita. Com esse tipo de informação, posso conquistar o apoio de qualquer um. E se os mogs toparem com meu site, quem sabe eu consiga rastreá-los também.

Eu o chamo de “Alienígenas Anônimos”.

Quando chega a hora de criar minha própria identidade no site, paro, olhando para o cursor que pisca na tela. Preciso não só de um nome de usuário, mas de uma nova identidade. Uma figura que pareça confiável para que eu possa reunir aliados. Alguém que eu possa ser por um longo tempo.

Penso na Garde e no que estou tentando fazer. Depois de alguns segundos, digito uma única palavra:

GUARDA.

CAPÍTULO SETE

Aos poucos, o rancho começa a mudar. Primeiro instalo câmeras por toda a propriedade, além de várias armadilhas, e escondo algumas armas automáticas. Assim que me dou por satisfeita com o terreno, me concentro no interior da casa. Bloqueio as janelas do escritório, reforço as paredes, transformo-o em uma espécie de quarto do pânico. Substituo a porta comum por uma reforçada com tranca por impressão digital e, para escondê-la, penduro uma colcha de retalhos que pego de uma das camas extras. Se alguém revistar a casa, provavelmente nem vai desconfiar que há um cômodo nos fundos, a menos que realmente avalie as dimensões oficiais. Se eu for atacada, este cômodo será minha proteção. Pelo menos por um tempo, o suficiente para eu recarregar as armas e realizar algumas operações eletrônicas de última hora. O único ponto fraco do lugar, quando termino as reformas, é o piso. E é nele que insiro o pequeno explosivo ativado remotamente que montei a partir de peças compradas nos endereços mais obscuros da internet.

A bomba é um dispositivo de emergência, embora talvez seja estranho vê-la nesses termos. Não é uma proteção exatamente para mim, mas para a Garde. Se algo vier a acontecer — se eu achar que perdi o rancho —, bastam alguns cliques em um programa e posso garantir que todo o meu trabalho e as informações virem fumaça. Prefiro que tudo seja destruído a que caia nas mãos dos mogs.

Embora eu saiba que não devo tentar reunir os outros lorienos, faço o melhor para servir como guardiã deles. Continuo apagando qualquer notícia que pareça mesmo ligeiramente ligada a eles e guardando cópias para que eu possa, de alguma forma, manter uma noção do paradeiro de alguns Gardes.

Geralmente não encontro muita coisa, o que, espero, deve significar que os Gardes estão seguros, vivendo escondidos, estabelecendo novas identidades e se fortalecendo.

Embora eu seja aplicada, não consigo parar de pensar que posso estar deixando passar alguma coisa. Sou apenas uma, e este planeta é muito maior do que Lorien. Faço o melhor que posso. Os frequentadores do Alienígenas Anônimos são úteis às vezes, formando uma equipe cada vez maior de

informantes. Eles me alertam para alguns acontecimentos ou notícias que parecem relacionadas aos mogs, mas é difícil filtrar tudo. Muitos dos que entram no site são lunáticos ou trolls, um termo que aprendi e muitas vezes vi em ação desde que criei o AA.

No entanto, alguns acreditam de verdade no que é exposto. Eles me dão informações úteis e seguem minha sugestão de investigar mais suas teorias e depois me passar o que descobrirem. Não me aproximo deles, apenas uso as informações que me passam, tentando não pensar muito nos detalhes de suas vidas. Estão junto comigo nessa, mas continuo trabalhando sozinha. Alguns perdem o interesse depois de um tempo. Um ou dois desaparecem completamente. Devem ter se entediado também.

Além de manter o site, rastreio os movimentos de meus inimigos, tentando pensar como um mogadoriano. Soube que foram vistas em West Virginia umas aeronaves estranhas cujas descrições batem com as de algumas das naves mogadorianas que já vi, e que gangues tatuadas foram observadas em várias partes do mundo. Levantar informações sobre o envolvimento deles com o governo dos Estados Unidos tem sido mais difícil do que eu esperava. O FBI e outras agências do governo têm firewalls diferentes de tudo que eu conhecia — avançados demais para este planeta. Deduzo que, além de fazerem promessas aos Estados Unidos, os mogs também estão lhes fornecendo tecnologia. Os recursos me lembram a Rede, de Lorien, só que ainda mais avançados. Impenetráveis. Decido que é melhor não insistir demais, por medo de que essa tecnologia tenha meios inéditos de me rastrear. Preciso é de uma brecha na segurança, como na vez em que a Rede deu bug em Lorien e consegui conectar meu hardware ao sistema.

Mas não sei como vou conseguir isso, porque a última coisa que quero é atacar uma base mog de novo.

A nave nunca está ausente de meus pensamentos. Consigo plantas e anoto tudo o que lembro, do meu tempo na ADL, sobre os sistemas de computador e construção de naves. Tento calcular em que condições ela deve estar após a longa viagem até a Terra. Duvido que os cristais de energia aguentem outro voo intergaláctico, então procuro descobrir como poderia adaptar o sistema de alimentação principal da nave para funcionar com os sistemas de combustível disponíveis neste planeta. Minha pesquisa vai além do que meu treinamento na ADL jamais me levou em termos de conhecimento de engenharia e é predominantemente hipotética, mas mesmo assim começo a construir alguns adaptadores preliminares e a ter ideias para fontes de energia secundárias. Quero

estar preparada.

Acompanho o que acontece em Dulce o máximo que posso. Parece que meus temores se concretizaram: o xerife e os policiais que deixei para trás são encontrados mortos, e quem leva a culpa são os cartéis de drogas que atuam na região. Pouco depois, a cidade lentamente se esvazia. Um investidor particular adquire a maior parte das terras. Rastreio o capital e descubro que vem de algumas contas fantasmas. É óbvio que os mogs ou o FBI estão por trás disso. Consigo interceptar uma transmissão de satélite para ter acesso a imagens da base durante o dia — depois de passá-las por um programa de decodificação — e, embora não seja nada detalhado nem muito útil, mantenho a transmissão passando o tempo todo em um de meus muitos monitores. Se minha nave for removida, quero ficar sabendo. No vídeo, aparecem alguns veículos mogs em movimento. Salvo essas gravações junto a minha bomba de dados crescente: um pacote digital de informações que reuni sobre os mogs, sobre sua história em Lorien e até mesmo o que escrevi sobre o que aconteceu com meu planeta natal e minha experiência em Dulce. A Terra não está pronta para essas informações. Os próprios Gardes não estão prontos para que isso seja revelado. Mas em breve estarão.

O tempo avança. Coleto informações. Gosto de pensar que estou ajudando, mas não tenho tanta certeza.

Dois anos passam voando, e decido deixar o rancho. Estou confortável demais nesta casa de fazenda toda em madeira, familiarizada demais com o terreno sinuoso. O lugar de repente começa a ficar claustrofóbico. Não abandono completamente minha base — ainda pode vir a ser útil —, mas recolho quase todo o equipamento e todas as informações e parto para um novo local isolado, dessa vez nas florestas do Oregon. É lá que, finalmente, consigo dar uma olhada nos arquivos pessoais do agente Purdy, graças a seu assistente incompetente, que gosta de trabalhar em cafeterias com redes wi-fi desprotegidas. Acesso a conta de e-mail de Purdy e leio algumas mensagens sobre uma operação chamada ProMog. É mencionada de passagem, nunca especificada, mas entendo que tem algo a ver com a infiltração mog no governo. Faço capturas de tela e salvo alguns arquivos, mas, depois de poucos minutos no e-mail, meu computador surta completamente. A máquina trava de uma forma que nunca vi. Temo que eu tenha sido descoberta.

Deixo o Oregon minutos depois, sem olhar para trás.

Depois disso, me mudo com frequência, instalando esconderijos em todo canto do país. Quanto mais avança minha investigação, menos segura me sinto

em ficar no mesmo lugar por muito tempo. Mas as mudanças têm suas desvantagens. Estou no meio de uma delas quando uma postagem de blog me passa despercebida:

Nove, agora oito. O restante de vocês está por aí?

Quando a vejo e a apago, é tarde demais. O IP leva a um endereço em Londres. Minutos depois, descubro que uma menina de doze anos foi assassinada lá, pouco depois de o post ser publicado.

Uma dos Gardes, sem dúvida. Se a conta da menina estiver correta, ela era a Número Dois. E, se ela morreu, significa que o Número Um também morreu, assim como, provavelmente, seus Cêpans.

Nossos números não param de cair.

E nossos aliados continuam desaparecendo. Tento acompanhar Malcolm Goode, mas ele some não muito tempo depois que o encontro, deixando a caminhonete e os óculos no estacionamento de uma padaria em Paradise. Volto ao fórum onde o encontrei e tento rastrear os outros usuários com quem ele mantinha contato. As mensagens, de anos atrás, só me levam a outros becos sem saída ou, mais frequentemente, a pessoas desaparecidas.

Aparentemente, as autoridades não têm nenhuma pista do paradeiro de Malcolm — chegam a supor que ele tenha ido embora por vontade própria —, mas não tenho dúvida alguma de que os mogadorianos ou o FBI o localizaram. Quando leio essa notícia, sinto o estômago se retorcer e só consigo ver o rosto do menino em frente ao escritório de Malcolm, olhando para mim. Pelo menos o restante da família Goode parece estar a salvo. Sofro só de pensar que os mogs possam estar ameaçando a família dele para tentar extrair informações. Penso em voltar a Paradise e levá-los para um dos meus esconderijos. Mas eles iriam comigo? E, se não, eu os levaria à força? Devo correr o risco de voltar a Ohio e me expor?

Não. Esse não é o meu papel nisso tudo. Eu coordeno as coisas dos bastidores. Avisei a Malcolm que iriam encontrá-lo. Fiz tudo que podia. Ele deveria ter saído de lá.

Quando não estou me mudando ou pesquisando, reúno armas, munições, suprimentos médicos, dinheiro — todo e qualquer recurso que possa vir a ser útil. Escondo estoques deles em meus esconderijos, que já não vejo mais como meus, e sim como lugares que os Gardes um dia podem usar.

Quando estiverem prontos. Quando estiverem fortes.

Um dia, em breve, eles surgirão em cena, e eu estarei assistindo, esperando para finalmente desmascarar os mogadorianos na Terra e ajudar aqueles que restaram do meu povo a destruí-los.

CAPÍTULO OITO

Quando os mogs fazem sua grande aparição em Paradise, anos já se passaram e estou em uma nova base: um velho pomar e fábrica de processamento de noz-pecã na Geórgia.

Fica muito óbvio para mim, quando leio os relatórios — tanto o público quanto os que encontro nos arquivos do Departamento de Polícia de Paradise —, que se trata de um incidente mog. Algo grande. Eles não atacariam uma escola se não tivessem um bom motivo para isso. Até porque essa escola fica na mesma cidadezinha onde Malcolm Goode morava.

Volto a pensar no que Malcolm me contou, de que um dos Cêpans prometera voltar a Paradise quando seu Garde atingisse a maioridade. Quando encontro um vídeo no YouTube de um rapaz, um tal John Smith, que basicamente sai voando de uma casa em chamas, minhas suposições são confirmadas. Pelo menos um dos Gardes confrontou os mogs em Ohio.

Escrevo um post de impacto no Alienígenas Anônimos afirmando que o incidente na Paradise High está, de algum modo, relacionado a uma atividade alienígena. Não cito os termos mogs ou lorienos. Para manter esse blog, é crucial que eu me faça de desinformada e nunca exponha tudo o que sei. Jogo a isca, tentando encontrar alguém que saiba mais alguma coisa. Como o site conquistou uma boa base de seguidores ao longo dos anos, normalmente não demora muito para alguém dar um retorno.

Só sei a história completa quando um seguidor chamado JOLLYROGER182 me contacta pelo site. Ele me conta o que aconteceu na escola e sobre os “aliens do mal” que ele e alguns amigos combateram. Rapidamente deduzo que o verdadeiro nome dele é Mark James, com base no que ele me conta (o fato de adorar futebol, o nome da ex-namorada), e comparo essa informação com o que encontro nos arquivos do Departamento de Polícia de Paradise sobre o incêndio da casa de James. Ele acha que está sendo muito esperto, mas sua atividade na internet é um livro aberto para mim. Por fim, ensino-o a bloquear o endereço IP e a enviar mensagens criptografadas.

No entanto, meu interesse só é realmente despertado quando descubro que ele

conheceu o Número Quatro e a Número Seis. Além de eu estar finalmente me correspondendo com alguém que teve contato direto com meu povo, tenho a impressão, pelas histórias de Mark, de que os Gardes estão finalmente se reunindo. Sinto uma descarga de adrenalina ao saber que, após todos esses anos, meu esforço e planejamento serão finalmente úteis e que poderemos revelar a verdade sobre os mogs e o FBI em breve.

No início, Mark é apenas mais um informante. Simplifico minha forma de falar e finjo empolgação quando ele usa pela primeira vez as palavras “mog” e “lorieno”, como se eu nunca as tivesse ouvido. Ele parece bastante inofensivo, e imagino que vá acabar perdendo o interesse — até ele comentar que a ex-namorada, Sarah Hart, está namorando o Número Quatro. Quando leio isso, quase não acredito em meus próprios olhos. Aí está meu possível elo com os Gardes. Tento conseguir qualquer informação sobre o paradeiro de Quatro, mas nem Mark nem Sarah sabem aonde ele e Seis foram quando deixaram Paradise. Parece que algo grande está para acontecer. Os Gardes e os mogs estão se revelando. A guerra finalmente se aproxima.

E tem mais uma coisa. O FBI começa a seguir Mark e Sarah. E um agente dá a Mark um número para entrar em contato, que ele repassa para mim. Ligo, usando um telefone por satélite e um modificador de voz, só para garantir o anonimato. Quem atende é alguém que conheço.

Agente especial Purdy.

Meu sangue ferve. Quem me dera poder alcançá-lo através do telefone e esmagar seu nariz novamente. Em vez disso, desligo e destruo o celular. Purdy parecia ter muita autoridade em Dulce e pode ter acesso a métodos de rastreio que desconheço. Não quero correr o risco. Cuidado nunca é demais.

Então tudo cresce rapidamente. Sarah desaparece. Mark se desespera; ele demonstra preocupação e paixão desenfreadas por ela. Tenta encontrá-la de todas as maneiras possíveis, e seu desespero para revelar a verdade sobre o que vem acontecendo rivaliza até com o meu. Eu me vejo falando mais e mais com ele, com muito mais frequência do que com meus outros contatos. Talvez porque isso se tornou pessoal para ele também. Admiro sua paixão.

Mark descobre impressões de uma publicação, agora extinta, chamada *Eles Estão Entre Nós*, com o qual colaborei durante anos, fornecendo informações e dinheiro, na tentativa de desmascarar os mogs pouco a pouco. Mark sugere que eu altere o nome do site e adote o mesmo do boletim, para atrair seus leitores. Concordo. É uma boa ideia.

Infelizmente, porém, Mark nem sempre é muito inteligente. Seu excesso de

zelo é problemático. Ele faz a maluquice de entrar clandestinamente no departamento de polícia, à procura de pistas, e vê um mog com os próprios olhos — a parceria FBI-mogs em ação. O mais provável era que ele acabasse preso ou morto por conta disso, mas, com um pouco de sorte, Mark consegue escapar.

Com o laptop de Purdy.

Ele me escreve depois de furtá-lo:

Mark: Eles estão com a Sarah em Dulce. Naquela base secreta do EEEN!!!

Mark: Vou atrás dela. Tenho que ir. Estou saindo de Paradise agora mesmo. Vamos escancarar essa história.

Quase rio. É lá que ela está, claro.

Começo a responder, alertando-o a não ir a Dulce de forma alguma. É muito perigoso. Mas, quando olho para minha transmissão de satélite da base, noto algo estranho. Uma falha muito sutil no canto inferior da tela. Continuo assistindo, até perceber que estavam repetindo os mesmos vinte segundos de filmagem da transmissão de satélite, em um loop eterno.

Merda. Xingo a mim mesma. Acho que não fui hackeada, mas não tenho como saber há quanto tempo estou acompanhando a transmissão falsa. Por que fizeram isso? Será que foi apenas uma precaução comum? Ou há algo por trás?

Levo alguns minutos para conseguir tirar o vídeo gravado e, por fim, vejo a imagem atual de Dulce: fumaça subindo da base, e parece que vários prédios desabaram.

Algo muito, muito grave aconteceu recentemente em Dulce. E preciso saber o que foi.

Uma ideia se forma na minha cabeça. Mark James vai até Dulce. Sei que não conseguirei convencê-lo a desistir, pois Sarah está envolvida. Posso ajudá-lo ao longo do caminho. E lhe fornecer suprimentos. Guiá-lo. Em troca, ele vai me dizer como está a base. O que aconteceu por lá.

Além disso, se ele for preso, vai precisar de alguém aqui fora para salvá-lo.

Então respondo:

Eu: Tenha cuidado. O lugar provavelmente está cheio de mogs e agentes do FBI. Não faça nenhuma bobagem.

Ele responde em apenas alguns segundos.

Mark: Claro.

Em algumas horas, Mark já não consegue mais acessar o computador de Purdy, e me xingo por não tê-lo convencido imediatamente a mandar a maldita máquina direto para mim. Trata-se, provavelmente, do mesmo tipo de firewall que fritou um dos meus computadores no Oregon. Provavelmente não vamos mais conseguir acessar nada no laptop — ou pelo menos até eu descobrir como contornar os sistemas de segurança dos mogs —, então me concentro em garantir que Mark chegue vivo à base de Dulce, para que ele possa me contar o que foi que aconteceu por lá. Para isso, preparo uma caixa de suprimentos e vou, eu mesma, ao encontro dele em um posto de gasolina desativado na fronteira do Colorado com o Novo México. Chego alguns minutos antes de Mark, depois de dirigir a noite toda, de moto, a uma velocidade muito, muito acima do que seria permitido ou mesmo seguro. Eu não conseguiria convencê-lo a esperar alguns dias. Sei que insistiria em ir direto para Dulce. Não o condeno — já estive no lugar dele, e sinto como se nem fizesse muito tempo.

Entrego a caixa a ele — cheguei a incluir uma das granadas de Raylan que venho trazendo comigo de base em base durante todos esses anos — e o faço assinar um falso comprovante de recebimento. Faço o papel de mera entregadora.

Quando me vê, ele nem considera a possibilidade de eu ser GUARDA. Eu já estava pronta para me fazer passar por desentendida, mas acho que, depois de se dirigir a mim como “cara” umas cem vezes ao longo das últimas semanas, ele nunca chegou a pensar que estivesse se comunicando com uma garota. Não o corrijo. Se por alguma razão ele acabar preso em Dulce e eu não conseguir soltá-lo, será melhor para mim que ele não consiga me identificar.

Mark parece diferente das fotos que vi na internet. Abatido, com olheiras. Os incidentes de Paradise e o desaparecimento de Sarah pesam em seu rosto.

Estranhamente, me pego preocupada com ele.

— Você precisa sair da estrada e dormir um pouco — digo. — Está acabado.

Não me demoro para bater papo. Peço um quarto em um hotel no lado do Colorado da fronteira e espero notícias de Mark. Parte de mim sente que deveria tê-lo prevenido mais, mas repito para mim mesma que vai dar tudo certo. Não é como daquela vez que deixei Zophie sozinha, pensando que Janus ainda estivesse vivo. Mark tem plena noção do que está enfrentando.

O sol está nascendo quando finalmente recebo uma mensagem dele. Já estava quase perdendo a esperança de que Mark ainda fosse um homem livre.

Mark: Dulce já era. O FBI está abandonando a base. Sarah não está mais lá. Acho que John e os outros a resgataram.

Eu: Você entrou e saiu sem ninguém ver? Muito bom.

Mark: Não. Encontrei a agente Walker, de Paradise. Ela me liberou. Acho que se virou contra os mogs.

Se a base de Dulce está sendo desativada, é a hora de eu recuperar minha nave. Suponho que não a tiraram de lá enquanto a transmissão estava em loop. Essa ideia me anima, e sinto o sangue correndo em minhas veias. Além disso, se os agentes do FBI na base se voltaram contra os mogs, isso significa que pelo menos algumas pessoas estão começando a ver que trabalhar ao lado desses monstros é uma sentença de morte para a humanidade. Não estão mais os seguindo cegamente.

Talvez haja esperança para esta espécie, afinal de contas. E, ao pensar nisso, percebo (talvez pela primeira vez) como respeito Mark. Alguém que vem lutando pelos amigos e por seu planeta esse tempo todo. Tentando salvar seu povo do terrível desfecho que os mogs estão planejando, seja qual for.

E aqui estou eu, ocultando informações de Mark. Usando-o para meus próprios objetivos. Como um peão.

No final das contas, não sou melhor do que os Anciões.

Talvez eu possa compensar o que fiz. Qual será o próximo passo dele, agora que Sarah não está onde ele imaginou?

Eu: Aonde você está indo?

Mark: Não faço ideia. Não posso ir para casa. O FBI ainda está atrás de mim.

Talvez seja a descarga de adrenalina ou aquela pontada persistente de culpa por não ter sido completamente honesta com ele — seja qual for a razão, sinto que devo isto a Mark, que preciso ajudá-lo. Posso guiá-lo de longe.

Mando outra mensagem, instruindo-o a seguir em direção ao Alabama. Sei exatamente onde ele pode se esconder por um tempo e continuar a investigação: o rancho. Só que já faz um tempo que não vou lá, então digo a ele que não se apresse, mas que terei um lugar preparado para ele em breve. A última coisa de que preciso é Mark James entrando na propriedade e sendo explodido por uma armadilha que me esqueci de desarmar.

CAPÍTULO NOVE

Sigo para Dulce em busca da minha nave.

Passo por meia dúzia de SUVs pretos cruzando velozes o deserto quando estou a cerca de oito quilômetros da base. Concluo que foi na hora certa: se forem os agentes do FBI que Mark mencionou, então eles abandonaram mesmo o lugar.

No entanto, tenho minhas reservas quanto a esta operação. Para começar, faz um dia bem claro hoje; se fosse noite, haveria a escuridão para me proteger. Sem contar que a lembrança do que aconteceu da última vez que tentei me infiltrar nessa base ainda está fresca em minha mente. Mas não terei outra oportunidade como esta. Quem sabe quanto tempo vai levar até os mogs ou o FBI perceberem que ninguém na base está respondendo?

Além do mais, desta vez eu vim preparada.

Paro perto de um trecho destruído da cerca e pego da mochila meus binóculos com sensor térmico, que captam assinaturas de calor através de até quinze centímetros de aço. Nada aparece. Pelo menos nada que indique a presença de humanos ou mogs. Vejo fogo e luzes, mas nada sugestivo de que haja alguém patrulhando a base.

Mesmo assim, sigo com cautela e paro a moto perto de um buraco junto ao telhado do primeiro andar subterrâneo da base, que está desabando. Dou uma olhada em volta e avisto alguns jipes queimados e uma torre de vigia desmoronada. Mark acha que os Garde ajudaram Sarah a fugir. Se isso for verdade, eles certamente estão mais fortes.

Pulo para dentro da base e pego um pequeno tablet que eu mesma criei, parte computador e parte rastreador — um dispositivo que sintoniza as frequências de uma nave lórica dentro de determinada distância. Eu não tinha certeza se funcionaria até esse momento, mas ele apita, avisando que, sim, a nave de Janus ainda está ali em algum lugar. Esperando por mim.

Suspiro, aliviada.

Os agentes devem ter deixado o lugar às pressas, porque toda sala por onde passo está bagunçada, com arquivos espalhados por toda parte. Vários grandes

terminais de computador parecem danificados, como se, já que precisava sair dali, o FBI não quisesse que ninguém mais tivesse acesso a essas informações. Uma preocupação que compreendo. Vou precisar voltar ali para ver quais dados consigo recuperar, assim que encontrar aquilo que realmente vim procurar.

Desço vários andares. Acabo chegando a um corredor escuro, todas as luzes foram destruídas. É o único lugar por onde passei em que todas as portas estão fechadas. Atravesso o corredor lentamente, na ponta dos pés, tentando não fazer barulho. Passo por uma porta com uma espécie de janela, através da qual espio com cuidado.

Um homem me encara de volta.

Ele grita e dá socos na porta. Usa uma camisa branca de botão, manchada de sangue. De repente ouço batidas em todas as portas do corredor. Devo ter entrado em algum tipo de prisão ou área de detenção. O som é ensurdecedor, ecoando pelas superfícies duras do corredor e destruindo toda a minha esperança de investigar furtivamente o restante da base.

Então começo a correr.

Passo por alguns laboratórios e escritórios até finalmente abrir com força uma porta que leva a ela, em toda a sua glória prateada malconservada: a nave.

É grande, do tamanho de uma casa, mas plana e se vira facilmente no ar. O casco reluzente — feito de um metal encontrado em Lorien — brilha, mesmo depois de tantos anos. As linhas são todas perfeitamente arredondadas, elegantes e aerodinâmicas.

Fico sem ar.

Há vários tipos de fios ligados à parte do casco onde ficam os cristais que fornecem energia à nave. Encontro um terminal de computador no lado oposto da sala e o ligo, trazendo a estação à vida — agora que estou ali, é fácil entrar no sistema, apesar das senhas. Tento encontrar algum tipo de diário ou relatório de acompanhamento de trabalho, baixando tudo que posso para meu tablet. Pelo que vejo, os pesquisadores tentavam descobrir como duplicar a energia dos cristais para incorporá-la às próprias máquinas de guerra. Os registros mostram que eles conseguiram carregar os cristais gastos, pelo menos um pouco, mas isso é tudo, e a carga só dura por um curto período de tempo. Duvido que eu conseguiria deixar a atmosfera da Terra.

Está bom por ora. No momento, só quero sair *dali*.

Investigando mais, descubro controles que parecem operar algum tipo de doca. Aciono-os, e, uns vinte metros acima de mim, o teto começa a se abrir. Areia e detritos caem lá do alto. Evito, por pouco, uma pilha de tijolos e o que

parece um pneu de jipe, que desabam.

Por um segundo eu paro, balançando a cabeça, pensando como seria terrível morrer agora diante da nave que venho procurando há tanto tempo.

As portas do hangar acima de mim se abrem completamente. Dou alguns passos em direção ao meu prêmio e paro. O zumbido, que pensei ser o mecanismo da porta, está ficando mais alto.

É então que vejo a ponta da nave mogadoriana além da borda do hangar. Em questão de segundos, meia dúzia de rostos pálidos e desdenhosos olham para mim, todos com as armas apontadas na minha direção.

Eu me agacho atrás do terminal de computador assim que os disparos começam a encher o ar. Faíscas chovem ao meu redor, queimando minha pele, enquanto o terminal é destruído. Xingo baixinho — espero que essas máquinas em curto-circuito não sobrecarreguem os fios ligados à nave.

Sou um alvo fácil onde estou. A maneira mais rápida de me manter viva seria tentar atravessar a sala e voltar para dentro da base. Pelo menos lá eu teria muitas opções de lugares para me esconder. Mas imagino que os mogs já estejam começando a descer por corredores e escadas da instalação, e, sem ter a menor ideia de quantos malditos aliens estão no nível do solo, não sei se a base poderia se transformar em uma armadilha mortal de uma hora para outra. Eu poderia ficar encurralada facilmente em algum lugar.

Além disso, agora que encontrei a nave, não pretendo perdê-la de vista.

Então enfio a mão na mochila e pego um dos muitos brinquedos que comprei e aprendi a usar desde a última vez que fiquei cara a cara com um mogadoriano: uma poderosa e compacta submetralhadora. As armas da Terra podem ser rústicas e ineficientes, mas, depois de praticar nos celeiros e bosques em volta dos meus muitos esconderijos, atestei como podem ser devastadoras.

Se eu conseguir entrar na nave e ligá-la, talvez consiga sair dali viva. Se não… Bem, isso não é propriamente uma opção. Eu me lembro de Janus e de Zophie, e de que pensei, quando cheguei a este planeta, que um dia nós três estaríamos juntos nessa nave. Agora, o máximo que posso fazer é recuperá-la por eles. Por Lorien.

Procuro me preparar o melhor que posso junto ao chão, dou uma olhada por cima do terminal de computador, de onde não param de sair faíscas, e disparo. Alguns dos mogadorianos que descem uma escada de metal em zigue-zague vinda da superfície são feitos em pedaços, virando cinzas, que caem pelo hangar. Os outros rapidamente procuram abrigo, e eu me aproveito desse momento de surpresa deles para fazer uma pausa, jogando minha mochila para a frente e

basicamente me atirando embaixo da nave no meio da sala, usando-a para me proteger. Os disparos escurecem o chão de cimento e só não me acertam por pouco, mas, de alguma forma, chego lá.

Consigo acessar um interruptor de acionamento manual da área de embarque. Uma rampa de metal se desenrola a partir da traseira da nave. Um dos mogs no alto pula para o chão, deslizando pela nave. Ouço um estalo quando ele cai, e, ao se levantar, um de seus braços pende inerte ao lado do corpo. Mas isso não o impede de cambalear para a frente, atirando em mim. Vários de seus companheiros seguem seu exemplo, e mal consigo subir a rampa, disparando às cegas para trás o tempo todo. Corro, tentando evitar os tiros, mas alguns acertam minha mochila. Como eu a reforcei com fibra de aramida, mais para proteger meu laptop e os aparelhos que levo, isso impede que os tiros cheguem ao meu corpo, mas o impacto me derruba na rampa. Rolo para o lado e atiro também, correndo o mais rápido que posso em direção a um painel touch screen na parede interna da nave. Pulverizo um dos mogs atrás de mim enquanto ligo a tela e faço a rampa começar a fechar em apenas alguns segundos — os poucos anos de treinamento que tive na Academia de Defesa de Lorien voltando a mim de repente.

O outro mog tropeça para a frente quando a rampa se ergue, e é lançado para além de mim, mais para dentro da nave. O interior pode ser programado com todos os tipos de partições holográficas e “paredes”, mas no momento é apenas uma grande sala vazia. Não há onde ele se esconder, e, antes que consiga se levantar, já virou uma pilha de cinzas no chão.

Vou depressa até a cabine de controle. Minhas mãos correm sobre botões e telas. À minha frente, um mog subiu no nariz da nave e está martelando a janela escura da nave com o cabo da arma. Vai penar tentando quebrar o vidro reforçado. Tento não prestar atenção nele.

— Anda, anda — digo para mim mesma enquanto os instrumentos começam a ligar. Então eles ganham vida, como se incitados pela minha vontade. Os cristais ainda têm alguma energia.

Sinto os motores entrando em atividade, o zumbido reconfortante e a leve vibração que tomam conta de toda a nave. Inicio os procedimentos de autopropulsão, o que deve pelo menos me levar até o céu, de onde posso traçar um curso ou assumir os controles. O mog no para-brisa se esforça para se equilibrar quando a nave começa a tremer e se erguer do chão. Ele berra quando cai para trás, indo parar no piso de cimento.

Está funcionando, penso. *Vou sair daqui!*

Arregalo os olhos quando alcanço o nível do solo. À minha frente, parada, está a pequena nave mogadoriana que vi lá de baixo, mas há também uma outra, grande, que deve ser usada para transportar tropas pelo planeta — *muitas* tropas. Há mogs indo de um lado para outro em torno da nave, todos os olhos voltados para a minha. Eles ficam paralisados por apenas um instante e então começam a disparar. O que parece ser um canhão na nave maior se vira na minha direção. Quem sabe que tipo de poder de fogo uma nave como aquela pode ter?

Confiro rapidamente os menus na tela à minha frente até encontrar o que parece ser um registro das armas guardadas na nave. A maioria das naves em Lorien não tinha armas, mas acho que os Anciões equiparam esta com todo o armamento possível de ser transportado. De algumas, nunca ouvi falar. Eu me pergunto, mais uma vez, há quanto tempo estavam planejando isso, há quanto tempo sabiam que os mogs vinham atrás de nós. Mas não posso parar muito para pensar, pois ainda estou na mira de vários mogs. Toco um ícone que parece ser um tipo de granada e miro a nave inimiga.

Uma pequena esfera de energia dispara de debaixo da cabine e gruda na lateral da nave mogadoriana que está subindo. Nada acontece.

Merda.

O canhão mog está sendo ligado, ganhando energia. Toco na tela das armas novamente.

— Não me diga que você falhou, sua granada filha da…

A esfera explode em uma onda de energia que abala o equilíbrio da minha nave. O piloto automático volta a estabilizá-la, e em seguida eu assumo os controles. Aciono o acelerador, voando alto no céu, muito acima do Novo México, gritando a plenos pulmões enquanto cruzo a atmosfera. Verifico o radar, mas não há ninguém me seguindo. Dou uma volta com a nave, examinando do alto o estrago, dezenas de metros acima do chão. As naves mogs não existem mais. Não sobrou *nada* para me seguir, só grandes pedaços de metal retorcido em chamas.

A adrenalina percorre meu corpo, me deixando zonza de empolgação.

— Conseguimos — digo, e só me dou conta quando as palavras já saíram da minha boca. — A nave é nossa.

Não sei direito com quem estou falando, quem é esse “nós” implícito: se estou me dirigindo a Zophie ou aos outros Gardes espalhados pelo planeta, ou até mesmo a Mark, meu parceiro involuntário nesta missão em Dulce.

No caminho de volta, paro no Rancho da Escrevedeira-Amarela, pousando perto do celeiro malconservado. O lugar parece intocado desde a última vez que o vi — exceto pelo mato um pouco alto demais. Pego uma das chaves escondidas na lateral da casa e entro, tirando alguns dos panos que ainda cobrem os móveis. Reprogramo a porta do escritório secreto para abrir com a impressão digital de Mark, que tenho gravada graças ao sistema de identificação de impressão digital no laptop que mandei antes de ele invadir Dulce.

No escritório, faço um levantamento das armas organizadas em prateleiras em uma das paredes e em seguida ligo o sistema de segurança, verificando se todas as câmeras continuam funcionando. Alguns cabos de detonação e armadilhas eletrônicas ainda estão ligados, mas os desativo para que Mark não seja recebido por uma arma automática. Mais tarde posso ensiná-lo a reprogramá-los.

Quanto à bomba que fica sob o escritório, mantenho-a pronta para ser acionada caso o esconderijo caia em mãos inimigas. Só por precaução.

Esse lugar dará uma boa casa para Mark. Pelo menos por enquanto. Até eu descobrir o que fazer com ele, ou até que ele finalmente consiga entrar em contato com Sarah e os Gardes.

Paro e penso se devo esperar por ele ali e me apresentar. Afinal, já tenho a nave. As coisas estão indo bem.

Mas reconheço essa sensação. Achar que as coisas estão finalmente acontecendo de acordo com o que planejei e que está tudo entrando em seu devido lugar. Sempre que me permiti ser reconfortada por tal esperança, tudo deu muito errado. Pessoas morreram. Meu mundo se despedaçou, teve que ser reconstruído.

Só preciso de um pouco mais de tempo. Para consertar a nave e pensar no que fazer agora. E ele precisa se recuperar, também. Não estou pronta para levar meu protegido para a batalha. Ainda não.

Pela manhã, pego a moto, que guardei no velho celeiro, e vou até a cidade comprar algumas coisas para Mark: comida, água, munição extra. Um pequeno gesto de gratidão por ele ter sido meu primeiro par de olhos na base de Dulce. Por ora, escrevo um bilhete na parte de trás de uma pasta e deixo ao lado de uma espingarda para ele encontrar ao chegar.

Espero que esteja pronto para a guerra.
G.

CAPÍTULO DEZ

A nave mal aguenta voltar à minha base no pomar na Geórgia. Voo fora da área do radar e tento me esconder em meio às nuvens o máximo possível. A essa altura, a aceleração é quase a mesma que a de um carro ou uma moto. A bateria está quase no fim. Os cristais estão perdendo força.

Consigo parar a nave dentro da antiga área de processamento de noz-pecã, nos fundos. Acho que agora isso aqui é tecnicamente um hangar.

Assim que chego, concentro imediatamente quase toda minha energia e meus recursos em descobrir como fazer a nave voar — e mantê-la no ar — indefinidamente. Começo a instalar vários adaptadores e sistemas de combustível que criei ao longo dos anos, na esperança de que todo o meu trabalho não tenha sido em vão. Dou uma olhada na pesquisa que obtive nos computadores de Dulce para ver o que os cientistas andaram fazendo para tentar reenergizá-la. Consigo conectar o compartimento do cristal a uma saída elétrica exatamente como fizeram em Dulce. Ainda que não dê em mais nada, isso deve me garantir alguns dias de energia.

Só não me dedico exclusivamente à nave porque um dos meus sensores capta uma estranha atividade no velho celular pré-pago de Mark James. Estou monitorando as comunicações dele desde que começamos a nos corresponder pelo site, só para ficar de olho. É algo que faço com todos que conheci no blog com quem trabalhei, embora Mark seja definitivamente a pessoa de quem mais me aproximei. Parece que alguém lhe enviou mensagens dizendo ser GUARDA e pedindo para encontrá-lo. Mensagens que com certeza não fui eu que mandei.

Em algum momento, Mark cometeu algum deslize. O inimigo o encontrou.

Tento alertá-lo, mas é tarde demais. Felizmente, ele consegue escapar de uma equipe de agentes do FBI ainda leais aos mogs, mas perde o equipamento, a caminhonete e, pelo que posso perceber, um pouco da sanidade. Levou um tiro no braço enquanto fugia da emboscada, embora jure que foi só de raspão. Está estressado, perdido e sem esperanças. Quando falo com ele no chat que criei para o *Eles Estão Entre Nós*, sinto-o deprimido. De repente tenho medo de que ele desista, mesmo depois de tudo por que passou. E não posso deixar isso

acontecer. Não agora que me acostumei tanto a estar sempre em contato com ele. Percebo que é a única pessoa com quem converso regularmente. Desde a morte de Zophie, ele é o mais próximo que tenho de um amigo. Então dou o melhor de mim para melhorar as coisas para ele: arranjo-lhe um carro novo e lhe dou instruções de como chegar ao rancho. Parece que ele se anima um pouco.

No rancho, Mark conecta o laptop que roubou de Purdy a algum computador que deixei lá, e assim consigo copiar todo o conteúdo do disco rígido para um armazenamento na nuvem. Isolo os arquivos de Purdy e lanço um ataque completo a seus firewalls e sistemas de segurança — desconectada do restante das redes dos mogadorianos e do FBI, não tenho medo de ser pega enquanto invado cada canto escondido de seu disco rígido. O que descubro é uma série de informações sobre o ProMog e os detalhes do envolvimento entre os mogadorianos e o governo americano. Enquanto isso, Mark finalmente consegue entrar em contato com Sarah. Como ele imaginou, ela estava com os Gardes. Além de uma valiosa fonte de informações, Sarah é, agora, o que me liga a meu povo aqui na Terra, o elo que eu vinha procurando.

As coisas parecem estar indo bem.

E é por isso que não, eu não deveria me surpreender quando tudo desanda.

Estou instalando uma nova linha de força na nave, que vai usar as fontes primitivas de combustível deste planeta, quando recebo uma mensagem de Mark dizendo que fez besteira e que os mogs devem suspeitar da existência do rancho. Ele pergunta se deve abandoná-lo de vez ou voltar para pegar suas anotações e arquivos. Digo que a decisão é dele.

Mark volta ao rancho com Sarah para pegar seus pertences. Só me resta esperar ter notícias dele. Ligo as câmeras bem a tempo de ver os dois entrando e começando a reunir as coisas apressadamente.

Então tudo fica escuro. Não consigo restabelecer uma conexão. O que tenho são apenas monitores cheios de estática.

Meu coração afunda no peito.

Cada segundo que passa me deixa mais impaciente, mais culpada por achar que deveria ter dito a ele que deixasse tudo para trás e fosse embora do Alabama. Enquanto espero, abro um programa em um dos monitores: os controles para a bomba embaixo do rancho. Quanto tempo devo esperar? Em que momento devo imaginar que o pior aconteceu e acionar o detonador, impedindo que os mogadorianos peguem as anotações de Mark? E se eu agir cedo demais e acabar matando Mark e Sarah? Nesse momento, sozinha em meu esconderijo, o que mais quero no universo é ver o nome de Mark aparecer na tela do meu celular.

Ele tem sido meus olhos e ouvidos durante os últimos meses. Estivemos sempre em contato.

Não posso perdê-lo.

Também não posso acreditar que JOLLYROGER182, o seguidor do Alienígenas Anônimos que se referiu aos mogs como “bando de imbecis de outro planeta” em sua primeira mensagem para GUARDA, tenha se tornado valioso não só para a causa lórica, mas também para mim.

O tempo passa. Fico olhando para o botão que destruirá o rancho. Será que vou conseguir fazer isso depois desse tempo todo? Será que eu arriscaria sacrificar Mark e Sarah para impedir que aquelas informações caiam nas mãos dos mogs?

O alívio irrompe em mim quando o telefone toca. É uma mensagem de Mark, dizendo que foram atacados, mas que estão bem.

Ligo para ele de um dos meus pré-pagos que tem um modulador de voz integrado. Para ele, minha voz sai eletrônica, distorcida.

— A que distância você e Sarah estão da casa? — pergunto quando ele atende.

— Eu não sei. Um quilômetro e meio? Já não consigo ver…

Aperto o botão. Ouço um barulho de estática na linha quando o microfone de Mark capta o som do rancho explodindo.

— Isso deve cuidar de qualquer mog que ainda esteja na propriedade e apagar nosso rastro — digo.

Mark não parece muito empolgado em descobrir que estava em cima de uma bomba esse tempo todo, mas estou muito concentrada em digitar para prestar atenção na preocupação dele. Eu me conecto ao GPS da caminhonete de Mark e insiro as coordenadas do meu esconderijo na Geórgia.

É hora de seguir em frente na luta contra os mogs. De me juntar aos meus companheiros lorienos.

E o primeiro passo é finalmente me revelar para Mark e Sarah.



Quando chegam, os dois parecem atordoados — provavelmente devido à soma de tudo: me ver, ver a nave, as armas automáticas apontadas para eles quando ativam meu sistema de segurança. Mas o silêncio incrédulo não dura, e eles começam a fazer um milhão de perguntas. Avalio a situação e identifico nossas prioridades; Mark está febril, pois o ferimento de bala em seu braço infeccionou.

A primeira coisa que faço é lhe dar uma injeção de antibiótico que tenho guardada junto com outros suprimentos médicos. Tudo bem até aí. Mas então limpo a ferida com álcool.

— Porrrrrrr… — exclama, estendendo o "r", sem completar a palavra.

— Ele está bem? — pergunta Sarah.

A preocupação é evidente nos olhos dela, não só pelo estado de Mark, mas também por ver uma desconhecida tratando dele.

— Vai ficar — respondo. — O antibiótico deve ser suficiente. Acho que em alguns dias ele estará recuperado.

— Mas eu tenho um jogo importante amanhã, treinador — brinca Mark.

— Não entendi — interrompe-o Sarah, e se vira para Mark. — Você não sabia que ela era uma mulher? Que era *de Lorien*?

— Só pensei que, como GUARDA era tão bom com computadores…

Sarah estreita os olhos um pouco.

— *O que foi?* — diz Mark. — Pois é, foi isso, imaginei que fosse um cara. Foi mal. Acho que "GUARDA" tecnicamente não define o gênero.

— Você é de Lorien — diz Sarah, mais uma afirmação do que uma pergunta.

Assinto.

— E, sendo mais velha… provavelmente estava lá quando o planeta foi atacado.

Faço que sim de novo, dessa vez mais devagar. A expressão de Sarah se abranda.

— Eu estava em uma nave diferente da que levava os Gardes escolhidos — digo. — Éramos poucos.

— Ella… — murmura Sarah.

Meu coração quase para ao ouvir o nome.

— O que você sabe sobre ela? — pergunto, me aproximando de Sarah em dois passos largos. — Você a conheceu? Ela está com o Número Quatro?

Sarah balança a cabeça.

— Os mogs a levaram — responde ela, lentamente.

Engulo em seco.

— E quanto a Crayton? Foi levado também?

— Crayton — sussurra Sarah, e leva alguns segundos para se lembrar de quem é. — Não. Sinto muito… Ele foi morto um tempo atrás. Na Espanha, pouco antes de Ella se juntar aos outros.

O choque de tudo isso deve ficar evidente em meu rosto, porque de repente Sarah não está mais olhando para mim como se tivesse medo de eu apontar uma

arma para ela. Em vez disso, coloca a mão nas minhas costas, em apoio, e puxa uma cadeira para mim antes mesmo que eu perceba que estou me sentando.

— Mas é claro — diz ela. — Eu devia ter percebido que você não sabia. Você estava na outra nave com eles. Ah, meu Deus, sinto muito.

Minhas mãos tremem. Fico imaginando como Crayton morreu… Protegendo Ella, sem dúvida. Onde estará agora? O que estarão fazendo com ela? Tento pensar no que fazer, as mãos ainda trêmulas.

O Chimæra que eles chamam de Bernie Kosar se esfrega em minhas pernas sob a forma de um cachorro, olhando para mim com a língua comprida de fora. Ele bate com o rabo no chão.

— Acho que ele gostou de você — diz Sarah.

Eu me agacho, olhando nos olhos escuros do animal.

— Conheci muitos da sua espécie — digo, me lembrando de uma época que parece ter sido há muito tempo, quando Zophie, Crayton, o pequeno bebê Ella e eu estávamos todos em nossa nave com uma dúzia de Chimærae. — Espero ver outros de vocês novamente um dia.

Ele deixa escapar um grunhido e lambe uma lágrima salgada do meu rosto.

— Hã… se serve de consolo — diz Mark —, parece que Ella acabou virando uma garota durona. Tipo, acho que ela estava em Dulce e causou um grande estrago.

Ela estava em Dulce? Quando? Será que estive perto dela?

Limpo o rosto com a manga da camisa e olho para Mark. Ele está irrequieto, a testa franzida de preocupação. Acho que está tentando aliviar minha dor.

— É, bem, enfim — continua ele, indicando os fundos do hangar. — Você pode nos mostrar o interior dessa coisa? Nunca estive em uma nave espacial.

Arrisco um sorriso.

— Preste muita atenção, Jolly Roger, e talvez um dia você possa pilotá-la.

CAPÍTULO ONZE

— Puta merda — diz Mark quando subimos a rampa de metal e entramos na nave. — Tipo… *puta merda*.

— Espere até vê-la em velocidade máxima — digo. — Se eu conseguir fazê-la funcionar com os combustíveis da Terra.

— Dedos cruzados — murmura Sarah, observando tudo em volta com os olhos arregalados.

— Superstição não vai fazer essa belezinha funcionar. Eu estava dando os últimos retoques no novo sistema de combustível quando vocês chegaram. Vamos ver se consegui.

— Quer dizer que vamos levantar voo agora? — pergunta Mark.

— Não. Só vou conseguir ligar os motores, com um pouco de sorte.

Ele parece um pouco nervoso.

Quando entramos na cabine, ligo os painéis de instrumentos, que lentamente se acendem. Com um zunido, a nave ganha vida.

— Parece um bom sinal — comenta Sarah.

— Agora é que vamos ver — digo.

Toco alguns dos outros controles. A nave lentamente começa a se erguer do chão. Ao meu lado, Mark agarra as costas de uma das cadeiras presas em frente aos controles e sussurra uma dúzia de palavrões.

Estamos a poucos metros do chão, pairando dentro do hangar, quando a nave inteira começa a tremer e, de repente, cai alguns centímetros. Meus dois companheiros humanos gritam de susto. Mas depois a nave se recupera e se estabiliza, até que todos os sistemas pareçam normais.

— Por Lorien… — murmuro. — Acho que vai dar certo. A nave está funcionando com o sistema de combustível que eu instalei, e ainda temos alguns dias de reserva dos cristais carregados.

— Isso é… bom? — pergunta Sarah.

— Muito bom — respondo.

Pouso a nave e a desligo. Mark parece um pouco trêmulo. Vejo um brilho de suor em sua testa.

— Acho que é melhor eu me sentar — diz ele.

Sarah toca a testa de Mark.

— A febre está passando.

Levo os dois de volta para baixo e para o que costumava ser o escritório do supervisor quando o hangar ainda era uma área de processamento. Agora está cheio de equipamentos de informática e monitores.

Começamos a trocar informações. Aprendemos uns sobre os outros.

Conto a Mark e Sarah um resumo da minha história, deixando de fora as partes em que usei Mark e rastreei todas as suas comunicações — embora, pelo seu olhar, imagino que ele já tenha percebido a essa altura. Sarah me atualiza contando tudo o que aconteceu recentemente com os Gardes, quem são e quais Legados manifestaram. E me conta tudo o que sabe sobre os mogs. É mais fácil obter informações, agora que não preciso usar Mark como intermediário entre nós ou omitir minha verdadeira identidade. Fico sabendo que não só Malcolm Goode foi encontrado, mas que seu filho, Sam, juntou-se à luta. Não consigo deixar de sorrir ao ouvir isso, que Malcolm voltou a ver aquele garotinho que conheci em seu escritório. Não posso dizer que eles estejam seguros no meio de tudo isso, mas pelo menos estão juntos.

Faço uma porção de perguntas sobre Ella e descubro que é uma jovem Garde forte e sensível. Exatamente o tipo de pessoa que Crayton iria querer que ela se tornasse. Sarah passou bastante tempo com ela, e vejo que está preocupada. Que gosta dela.

— Tudo aconteceu muito rápido em Chicago — diz Sarah, o olhar perdido. — Ella estava tendo uma espécie de visão e, de repente, os mogs apareceram. Fomos derrotados.

— Essa escória mogadoriana — murmuro.

— Vamos resgatá-la. — Mark abre um sorriso discreto. — E vamos acabar com um monte daqueles esquisitões branquelos enquanto isso. Do pó ao pó. Das cinzas…

— Sério, Mark? — duvida Sarah.

— Que foi? — Ele ergue as sobrancelhas por um segundo. Então relaxa um pouco. — Tem razão. Eu devia ter guardado essa para quando matarmos o tal do Sei-lá-o-quê Rá ou coisa assim.

Sarah não diz nada, apenas ri e revira os olhos.

Depois olha para um dos monitores ao seu lado, o que exibe um canal de notícias vinte e quatro horas por dia. Ela arregala os olhos e deixa escapar vários sons, mas não chega a formar nenhuma palavra propriamente.

— Ah, poxa — diz Mark, preocupado. — Não foi *tão* ruim assim. Sarah?

— Ah, meu Deus — diz ela finalmente.

Vários dos meus computadores começam a apitar, indicando que algo grande está acontecendo. A notícia é importante.

— Sarah, o que houve?

Mark se aproxima dela. E também fica sem fala.

É só quando me junto a eles que percebo o que há de errado.

Uma enorme nave de guerra mogadoriana paira sobre a cidade de Nova York.

— Está acontecendo — sussurro. — A invasão começou.

Não se trata apenas de Nova York; as naves estão por toda parte, sobre cidades de vários países. Assistimos chocados e em silêncio ao noticiário até o telefone por satélite de Sarah tocar, e então todos nos movemos ao mesmo tempo. Enquanto Sarah conversa com o Número Quatro, entro em ação, abrindo meu laptop. Os repórteres começam a falar sobre algum tipo de conferência na ONU — algo que foi mencionado nos documentos ProMog que descobri no computador de Purdy, mas que nunca consegui entender. Essa invasão é muito diferente da de Lorien: não há fogo nem mísseis. Pelo menos, não por enquanto.

— Acho que eles vão fingir tratar disso diplomaticamente — digo.

— Isso explicaria por que se aproximaram tanto do governo — concorda Mark.

Ele pega um laptop da bolsa, o que devolvi antes de ele tentar entrar na base de Dulce, e começa a digitar.

— Me passa tudo o que você tiver sobre o envolvimento dos EUA com os mogs, tudo que ainda não me enviou. Se os mogs vão abrir o jogo, nós também vamos. Está na hora de mostrar a este planeta tudo o que sabemos. Quero essas informações na primeira página de todos os sites, de todos…

— Já me adiantei — diz ele, com um sorriso. — Estou lhe mandando um arquivo zip que inclui as piores partes do ProMog *e* uma compilação dos posts mais relevantes que fiz para o *Eles Estão Entre Nós*. Alguns ainda nem revisei nem fiz upload.

Os arquivos aparecem na minha tela. São o complemento perfeito para as informações bombásticas que reuni ao longo dos últimos anos.

— Isso é ótimo, Mark.

Ele dá de ombros.

— Não vou deixar esses cretinos enganarem os humanos assim.

— Parece que os outros estão no mesmo espírito — diz Sarah, desligando o telefone. — Sam acabou de nos mandar um vídeo. Uma gravação que mostra

John usando seus poderes para curar alguém e outras que mostram os mogs atirando. Estava pensando que podíamos fazer um vídeo ou algo assim para explicar o que está acontecendo.

— Seria ótimo — diz Mark. — Podíamos colocar um link para toda essa informação do ProMog. GUARDA, você… quer dizer, *Lexa*, você podia, sei lá… colocar um vídeo na página inicial do YouTube ou algo assim?

— Fácil — digo. — Vocês se concentrem em prepará-lo. Vou cuidar de alguns ajustes de última hora da nave para garantir que tenha condições de viajar. E deixá-la totalmente abastecida. Reuni um arsenal inteiro aqui.

Mark dá um soco na mesa em que pôs o laptop.

— Droga! — diz ele. — Eu ia usar aquele vídeo que mostra o John bancando o Super-Homem quando saiu da minha casa em chamas, mas não consigo encontrar.

— Claro que não — respondo, ligando meu computador. — Apaguei da internet assim que o vi. Também consegui travar o celular que fez o upload. Pronto, acabei de enviar para você uma cópia que guardei, para meu registro, junto com outras imagens e gravações que reuni ao longo dos anos.

Quando estou saindo, ouço Sarah sussurrar para Mark:

— Ela é boa.

— Você ainda não viu nada — responde ele.

Começo uma inspeção final no novo sistema de combustível da nave, tentando comprimir dias de trabalho em algumas horas. Faço uma pausa somente quando Sarah começa a gritar e vejo na televisão o início de uma luta nas Nações Unidas. O Número Quatro está lá, poderoso e inabalável, enfrentando Setrákus Ra, o líder dos mogadorianos. Sarah assiste a tudo pálida, sem dizer nada. Quando a transmissão é interrompida, ela apenas balança a cabeça.

— Estou pronta para gravar minha voz explicando tudo.

Eles voltam ao trabalho. Eu também. As horas passam, e, quando finalmente faço uma pausa para tomar água e comer uma barra energética, encontro Mark e Sarah ainda junto ao laptop dele.

— Ei! — chama Mark. — Dá só uma olhada!

Os dois se afastam depois de colocarem um vídeo em tela cheia e apertarem o play.

“Este é o nosso planeta, mas não estamos sozinhos na galáxia”, começa a voz de Sarah, vinda dos alto-falantes, tranquila e ponderada, enquanto o vídeo dá um *zoom out*, mostrando uma imagem da Terra. A gravação então muda para o vídeo do Número Quatro e o mostra com as mãos brilhando sobre alguém que mal

reconheço como o secretário de Defesa. John parece estar curando-o. Sarah continua: “Existem alienígenas entre nós. Alienígenas *pacíficos*. Refugiados do planeta Lorien. Este é John Smith, um dos Gardes lorienos, um garoto com poderes incríveis. Ele luta pela Terra agora. É o seu lar.”

O vídeo então mostra gravações em que os mogadorianos, armados, conduzem seres humanos pelo que parecem ser as ruas de Nova York.

“As naves que vemos no alto de nossas cidades neste momento não são amigáveis. São os mogadorianos, os alienígenas maus que destruíram o planeta natal de John Smith. Eles vieram aqui para nos escravizar e tomar conta da Terra. E encontraram aliados em nosso próprio governo.”

Vários documentos e trechos de texto dos arquivos ProMog aparecem na tela. A filmagem de repente muda para um gráfico que mostra a localização das naves de guerra mog. Parece uma captura de tela que Mark fez de um dos canais de notícias.

Sarah conclui: “Não estamos sozinhos. Eles estão entre nós. Precisamos unir forças com os lorienos e lutar contra os mogadorianos.”

O vídeo termina.

— Se alguém clicar em qualquer parte do vídeo, vai direto para o site onde estão todos os arquivos que reunimos — diz Mark. — E haverá um link na descrição, obviamente. Você acha que está bom?

— É o melhor que podemos fazer com o pouco tempo que temos — diz Sarah, mordendo o lábio enquanto olha para a tela.

— Está ótimo — digo. — Faça o upload para o *Eles Estão Entre Nós*, caso o vídeo seja retirado do ar.

Quando carregamos a gravação, manipulo algumas linhas de código e algoritmos para que apareça nos primeiros resultados de cada busca feita na internet e por toda a primeira página do YouTube. O número de visualizações dispara em questão de minutos, mais rápido do que os contadores podem acompanhar. Mesmo com tudo o que está acontecendo no planeta, o vídeo se espalha. Mark diz que “viralizou”. Em um mundo de repente cheio de perguntas, podemos oferecer algumas respostas.

Em pouco tempo nosso vídeo está sendo exibido em canais de notícias por todo o mundo.

Posso ter tido dúvidas sobre muitas coisas neste planeta, mas a maneira como a informação se espalha prova ser mais impressionante do que eu jamais imaginaria.

Mark continua ao computador enquanto Sarah tenta, sem sucesso, falar com o

Número Quatro por seu telefone via satélite. Ela não tira os olhos do noticiário. A noite cai. Volto a trabalhar na nave. Em condições ideais, eu teria tempo para fazer alguns testes de voo antes de entrar em batalha, mas não posso me dar a esse luxo agora que há naves de guerra sobrevoando cidades por todo o globo terrestre. Mesmo assim, verifico atentamente várias vezes o meu trabalho e executo todos os testes em que consigo pensar. A última coisa de que precisamos é uma falha de sistema no meio de uma luta contra os mogs.

Está claro lá fora quando finalmente me dou por satisfeita com meu trabalho e volto para o hangar. Mark está com o torso sobre a mesa, de boca aberta, dormindo e roncando baixinho.

Sarah esboça um sorriso.

— Ele apagou enquanto atualizava a contagem de visualizações. Achei que precisava descansar.

Ela olha para o telefone que tem nas mãos; percebo que ainda não conseguiu entrar em contato com o Número Quatro.

— Pelo que vi dele, o Número… John é um Garde bem impressionante — digo. — Tenho certeza de que ainda está lutando.

Sarah assente.

— Sim. É claro que está.

Ela não diz mais nada, e parece que a energia foi sugada da sala. Depois de ficar sozinha por tanto tempo, talvez eu não seja a melhor pessoa para manter uma conversa informal. Então, pego algumas garrafas d’água de um frigobar e bato uma com força na mesa, ao lado da cabeça de Mark. Ele acorda de um pulo.

— O quê? Onde? — Seus olhos correm em volta e sua respiração acelera até ele se lembrar de onde está. — Ah, tá. O que foi que eu perdi?

O telefone de Sarah começa a tocar antes que alguma de nós duas responda.

— É ele! — exclama ela, quase gritando, e se levanta na mesma hora. — John deve saber o que está acontecendo em Nova York.

— Bem na hora — diz Mark, no meio de um bocejo. — Nosso ET salvador.

Sarah atende no terceiro toque. Seu rosto está radiante: cheio de esperança, apesar de tudo o que está acontecendo de terrível no planeta.

— John? — diz ela, sem fôlego, e os poucos segundos antes que a voz do outro lado da linha responda parecem uma eternidade.

— Muito bem. — Mark rola sua cadeira até onde estou. Então se espreguiça e estala o pescoço. — E agora?

— Esperei anos por essa luta. — Aponto para a nave. — Devemos nos juntar aos outros Gardes e mostrar aos mogadorianos o que esta velha garota é capaz de

fazer. Nada mais de se esconder nas sombras.

— Isso aí. Vamos chutar alguns traseiros mogs.

— Está na hora de levar a luta até eles. — Eu me viro para Mark. Não posso deixar de sorrir um pouco. — Quero ver se Ella vai se lembrar de mim quando a libertarmos.

SOBRE O AUTOR



© Howard Huang

Pittacus Lore é o Ancião a quem foi confiada a história dos lorienos. Passou os últimos anos na Terra, preparando-se para a guerra que decidirá o destino do planeta. Seu paradeiro é desconhecido.

www.serieoslegadosdelorien.com.br

CONHEÇA OS LIVROS DA SÉRIE OS LEGADOS DE LORIEN



Eu sou o Número Quatro



O poder dos seis



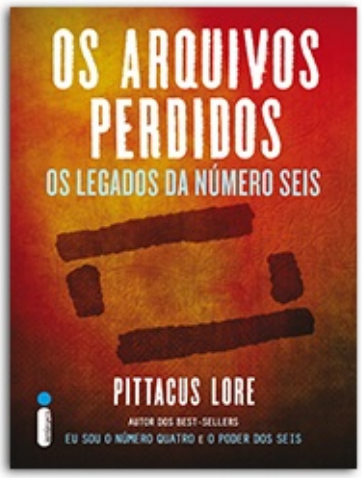
A ascensão dos nove



A queda dos cinco



A vingança dos sete



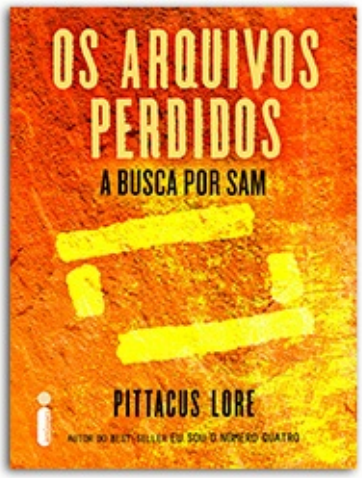
Os arquivos perdidos:
Os Legados
da Número Seis



Os arquivos perdidos:
Os Legados
do Número Nove



Os arquivos perdidos:
Os Legados
dos mortos



Os arquivos perdidos:
A busca
por Sam



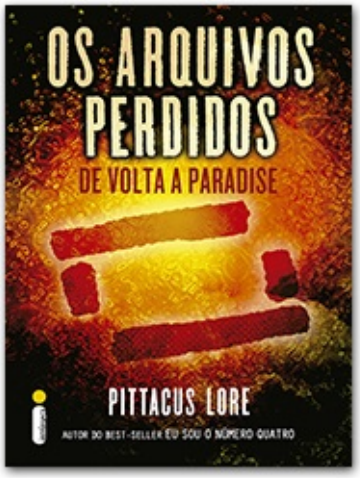
Os arquivos perdidos:
Os últimos dias de Lorien



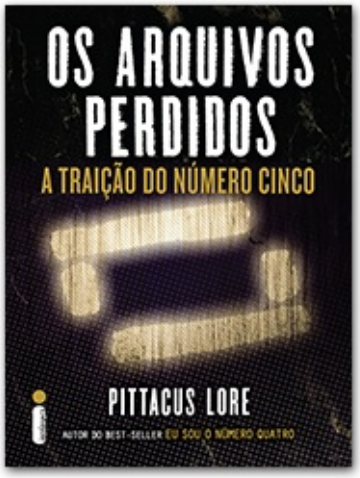
Os arquivos perdidos:
Os esquecidos



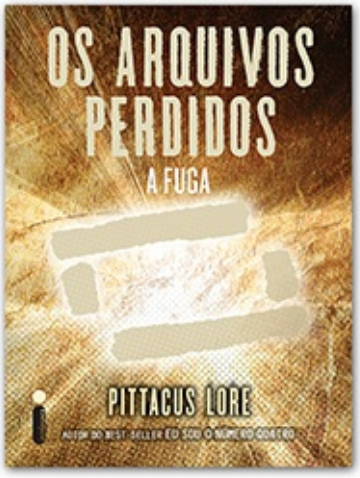
Os arquivos perdidos:
Os Legados do Número Cinco



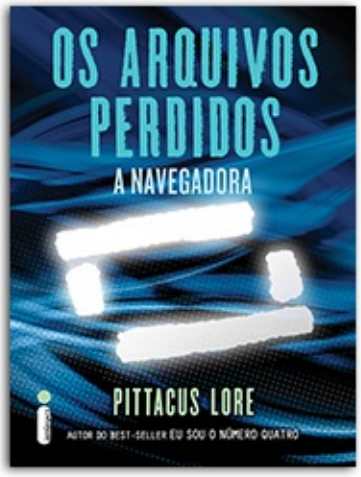
Os arquivos perdidos:
De volta a Paradise



Os arquivos perdidos:
A traição do Número Cinco



Os arquivos perdidos:
A fuga

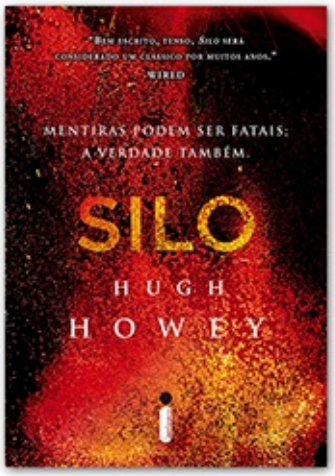


Os arquivos perdidos:
A navegadora

LEIA TAMBÉM



A caçada
Andrew Fukuda



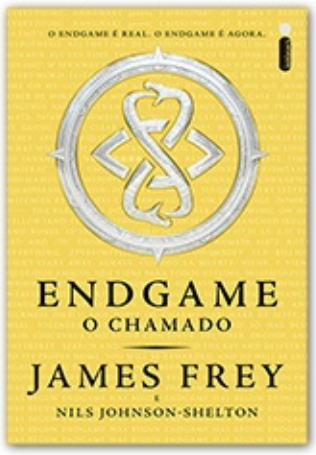
Silo
Hugh Howey



Half Bad
Sally Green



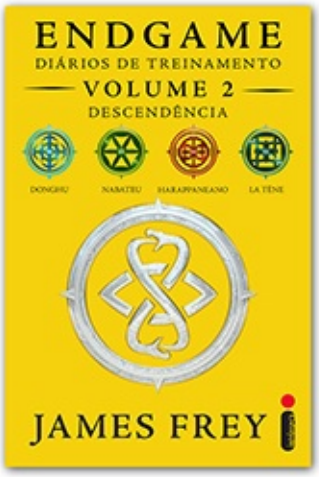
Aniquilação
Jeff Vandermeer



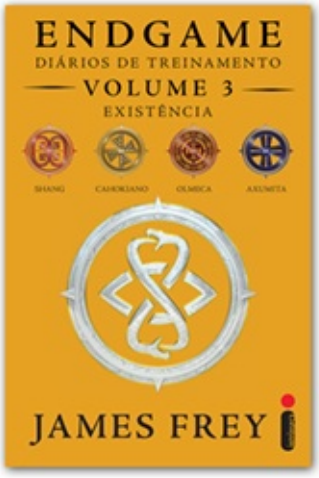
Endgame: O Chamado
James Frey e Nils Johnson-Shelton



Endgame: Diários de Treinamento
Volume 1 – Origens
James Frey



Endgame: Diários de Treinamento
Volume 2 – Descendência
James Frey



Endgame: Diários de Treinamento
Volume 3 – Existência
James Frey